



PPGEDUC

PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão

**O CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFG REGIONAL CATALÃO NA PERSPECTIVA DO
EGRESSO (1990-2005)**

FERNANDA GONÇALVES SILVA



UFG

UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

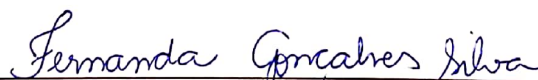
Nome completo do autor: FERNANDA GONÇALVES SILVA

Título do trabalho: O CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFG REGIONAL CATALÃO NA PERSPECTIVA DO EGRESSO (1990-2005)

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Fernanda Gonçalves Silva (autora)

Ciente e de acordo:


Wolney Honório Filho (orientador)

Data: 30/04/19

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

FERNANDA GONÇALVES SILVA

**O CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFG REGIONAL CATALÃO NA
PERSPECTIVA DO EGRESSO (1990-2005)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, à comissão examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão.

Orientador:
Prof. Dr. Wolney Honório Filho

Linha de Pesquisa:
POLÍTICAS EDUCACIONAIS, HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO E PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA

CATALÃO/GO
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

SILVA, FERNANDA GONÇALVES
O CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFG REGIONAL CATALÃO
NA PERSPECTIVA DO EGRESSO (1990-2005) [manuscrito] /
FERNANDA GONÇALVES SILVA. - 2019.
LXXIX, 79 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho .
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Catalão, 2019.

Bibliografia. Anexos. Apêndice.

Inclui siglas, abreviaturas, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Pesquisa (auto)biográfica. . 2. Curso de Educação Física. . 3. Narrativas. . 4. Egressos.. 5. Biografia Institucional. I. , Wolney Honório Filho, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO

UAEE – UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Av. Lamartine P. Avelar, 1.120. Setor Universitário, Bloco I, Sala 1A – Catalão (GO)
CEP – 75.704 020 - Fone: (64) 3441-5366.
Ramal 204 – Coordenação. E-mail: ppgeduc.ufg@gmail.com
Ramal 206 – Secretaria. E-mail: secretariappgeduc@gmail.com

**ATA DA 93ª SESSÃO PÚBLICA DE JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE
FERNANDA GONÇALVES SILVA**

ATA DA COMISSÃO EXAMINADORA DESIGNADA PELA COORDENADORIA DO PPGEDUC PARA
JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DE FERNANDA
GONÇALVES SILVA.

Em 22/02/2019, às 09h00min, na Sala 1, Bloco H, da UFG/Regional Catalão, teve lugar a 93ª Sessão Pública de Defesa de Dissertação do Mestrado em Educação da UFG/Regional Catalão, de FERNANDA GONÇALVES SILVA, (matrícula nº 2017100538), intitulada: "O CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFG REGIONAL CATALÃO NA PERSPECTIVA DO EGRESSO (1990-2005)". A Banca Examinadora foi composta, pelos seguintes professores: PROF.º DR.º WOLNEY HONÓRIO FILHO (PPGEDUC, UFG/Regional Catalão – Orientação e Presidente da Banca), PROF.ª DR.ª RITA TATIANA CARDOSO ERBS (UFG/Regional Catalão – Membro Interno) e PROF.ª DR.ª MARIA DA CONCEIÇÃO FERRER BOTELHO SDAGARI (UNICID – Membro Externo). Os examinadores, na ordem citada, arguiram o mestrando(a) sobre a dissertação apresentada, tendo o(a) mesmo(a) explicado e/ou rebatido às críticas formuladas pelos arguidores. Após a conclusão da defesa foi suspensa a Sessão Pública e, em Sessão Secreta, os arguidores atribuíram seus conceitos. Reaberta a Sessão Pública foi anunciado o resultado final: DEFESA APROVADA, fazendo jus, portanto, ao título de Mestre em Educação, de acordo com o artigo 57 do Regulamento do Programa de Pós-Graduação em Educação/Regional Catalão. Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pelos Membros da Comissão Examinadora. Programa de Pós-Graduação em Educação da UFG/Regional Catalão, em 22/02/2019.

PROF.º DR.º WOLNEY HONÓRIO FILHO

PPGEDUC, UFG/Regional Catalão

PROF.ª DR.ª RITA TATIANA CARDOSO ERBS

UFG/Regional Catalão

PROF.ª DR.ª MARIA DA CONCEIÇÃO FERRER BOTELHO SDAGARI

Universidade Cidade de São Paulo

Secretaria do PPGEDUC

À minha mamãe Jussara e em memória dos meus avós Maria, Floriano e Romilda.

AGRADECIMENTO

A Deus pelo dom da vida.

A minha família por sempre me apoiar e me incentivar pela busca dos meus objetivos.

A minha mamãe por ser meu amor, minha vida, minha amiga, meu alicerce!

Ao meu marido Flávio pelo companheirismo, compreensão pelos momentos de ausência e pelo carinho!

Ao meu querido orientador Wolney pela paciência, pelo cuidado e pela experiência com a pesquisa (auto)biográfica.

À Renata Cristine pela amizade, cuidado e contribuição nessa jornada!

Aos amigos que fiz no Mestrado, Ana Lúcia, Renata, Lailton, Lorena e Michele que fizeram essa jornada mais alegre!

A cada um dos professores do Mestrado por se doarem à pesquisa em Educação com tanta dedicação!

À FAPEG pelo financiamento desta pesquisa.

Motivo

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
— não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
— mais nada.

Cecília Meireles

RESUMO

O curso de Educação Física da UFG Regional Catalão, narrado na perspectiva de seus egressos, para além das perspectivas que têm como sujeitos protagonistas apenas os docentes, pode mostrar que todos os sujeitos são importantes para narrar histórias desta instituição e suas experiências formadoras. Assim, não há apenas uma história, ou uma história mais importante que a outra, e sim várias perspectivas que não podem ser desconsideradas. Frente a estas considerações sobre minhas vivências e a oportunidade de conhecer o campo da pesquisa biográfico narrativa em educação, surgiu o seguinte questionamento: como se constitui o curso de Educação Física UFG Regional Catalão na perspectiva dos seus egressos? A partir desta problemática, o objetivo geral da pesquisa foi conhecer o curso de licenciatura em Educação Física Regional – Catalão através das narrativas dos egressos. Como objetivos específicos, buscamos contextualizar a Educação Física com foco na cidade de Catalão com interfaces em Goiás e Brasil; apresentar os narradores da pesquisa e compreender como se constitui o curso de educação física na perspectiva dos egressos. O Curso de Educação Física tem suas características próprias que dá ao mesmo uma identidade semelhante à de uma instituição. Os egressos do curso, ao narrarem suas histórias de vida na organização institucional, reafirmam, segundo Bolívar (2014), tanto suas identidades quanto à da instituição, dando sentido às versões de si na instituição. Conforme Oliveira e Gatti, “ao estabelecer uma relação dialética entre a instituição e sua comunidade, em uma pluralidade de sentidos, emerge (...) a necessidade de um redimensionamento dos planos espaço-temporal” (OLIVEIRA E GATTI, 2002, P.74). É nesse redimensionamento dos planos espaço-temporal, nos documentos escritos e nas narrativas que a história do curso de Educação Física vai se constituindo. Na abordagem (auto)biográfica tomamos as narrativas dos egressos para constituir o curso de educação física e ao mesmo tempo a constituição do narrador enquanto parte desse processo e parte da organização institucional. O fato de narrar sobre si na instituição, atribui significados e interpretações de si e do curso de Educação Física, ou seja, o poder da narrativa constitui num processo único onde o narrador e o narrado se fundem, fazendo assim parte do mesmo processo. A análise dos dados produzidos foi realizada a partir da análise narrativa proposta por Bolívar, Dominguez e Fernandez (2001) constituída “de modo que se pueda organizar una secuencia coherente, a partir de unas categorías temáticas, em que unos ejes de coordenadas temporal o temático (BOLÍVAR, DOMINGUEZ E FERNANDEZ, 2001, p. 194). Assim, buscamos decifrar os significados que os egressos trazem em sua história de vida, de forma a “situar os relatos narrativos em um contexto que contribuya a proveer una estructura em que tome um sentido más amplio (BOLÍVAR, DOMINGUEZ E FERNANDEZ, 2001, p. 201). Nesse sentido, acreditamos que o método de pesquisa (auto)biográfico possibilitou compreender o curso de Educação Física Regional Catalão a partir das singularidades das histórias de vida dos sujeitos narradores, bem como a compreensão da história do curso na perspectiva desses sujeitos.

Palavras-chave: Pesquisa (auto)biográfica. Curso de Educação Física. Narrativas. Egressos. Biografia Institucional.

ABSTRACT

The Physical Education course of the UFG Regional Catalão, narrated from the perspectives of its graduates, besides the perspectives that have only teachers as protagonists, can show that all the subjects are important to narrate the stories of this institution and its formative experiences. Thus, there is not just one story, or one story more important than the other, but several perspectives that can not be disregarded. Faced with these considerations about my experiences and the opportunity to know the field of narrative biographical research in education, the following question arose: How does the physical education course UFG Regional Catalão constitute in the perspective of its graduates? From this problematic, the general objective of the research was to know the licenciatura course in Regional Physical Education - Catalan through the narratives of the graduates. As specific objectives, we seek to contextualize Physical Education focusing on the city of Catalão with interfaces in Goiás and Brazil; to present the narrators of the research and to understand how the physical education course is built from the perspectives of the graduates. The Physical Education Course has its own characteristics that give it an identity similar to that of an institution. The graduates of the course, in narrating their life histories in institutional organization, reaffirm, according to Bolivar (2014), both their identities and that of the institution, giving meaning to the versions of themselves in the institution. According to Oliveira and Gatti, "in establishing a dialectic relationship between the institution and its community, in a plurality of meanings, the need for a resizing of the space-time planes emerges" (OLIVEIRA AND GATTI, 2002, p. 74). It is in this resizing of the space-time planes, in the written documents and in the narratives that the history of the Physical Education course is being constituted. In the (auto) biographical approach we take the narratives of the graduates to constitute the course of physical education and at the same time the constitution of the narrator as part of this process and part of the institutional organization. The fact of narrating about oneself in the institution, attributes meanings and interpretations of oneself and of the course of Physical Education, that is, the power of the narrative constitutes in a unique process where the narrator and narrated fuse, being thus part of the same process. The analysis of the data produced was based on the narrative analysis proposed by Bolivar, Dominguez and Fernandez (2001) constituted "so that a coherent sequence can be organized, based on some thematic categories, in which axes of temporal or thematic coordinates (BOLÍVAR, DOMINGUEZ and FERNANDEZ, 2001, p.194). Thus, we seek to decipher the meanings that the egresses bring in their life history, in order to "situate the narrative narratives in a context that contributes to provide a structure in which it takes on a broader meaning" (BOLÍVAR, DOMINGUEZ & FERNANDEZ, 2001, p. 201). In this sense, we believe that the (auto) biographical research method made it possible to understand the Catalan Regional Physical Education course based on the singularities of the narrator 's life histories, as well as the understanding of the history of the course in the perspective of these subjects.

Keywords: Biographical (self) research. Physical Education Course. Narratives. Egresses. Institutional Biography.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD	Banco Digital de Teses e Dissertações
GO	Goiás
PPGEDUC	Programa de Pós Graduação em Educação
RC	Regional Catalão
SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFG/RC	Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão
CNE	Conselho Nacional de Educação

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Número de matriculados e egressos do Curso de Educação Física da UFG/RC-1990 a 2005.....	25
Quadro 2 - Dados dos narradores da pesquisa.....	37

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Primeira turma de egressos do curso de Educação Física da UFG/RC.....	22
---	----

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro para Entrevista.....	67
APÊNDICE B - Escrita (auto)biográfica dos colaboradores da pesquisa.....	69
APÊNDICE C - Disciplinas 1990 à 2004 Curso Educação Física UFG.....	75

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
Caminhos da pesquisadora	14
Revisão bibliográfica	15
Referencial teórico.....	17
Percurso metodológico	18
Estruturação dos capítulos	19
CAPÍTULO I	21
1.1 A Educação Física em Catalão	21
1.2 Educação Física no Brasil e em Goiás.....	26
1.3 Considerações parciais	34
CAPÍTULO II - Narrativa e biografização.....	36
2.1 Narradores da pesquisa: qual sua história?.....	37
2.1.1 Fernanda Gonçalves Silva – a pesquisadora egressa	38
2.1.2 Maria Consolação	40
2.1.3 Uelder Tavares	41
2.1.4 Karen Silva.....	42
2.1.5 Miguel Marcelo.....	43
2.2 Considerações parciais	43
CAPÍTULO III	45
3.1 O curso de Educação Física na perspectiva dos egressos.....	45
3.1.1 Escolha pela Educação Física e suas expectativas sobre o curso	46
3.1.2 Os desafios e deficiências do curso de graduação	47
3.1.3 A identidade de profissional da Educação Física	51
3.1.4 A valorização e desvalorização do profissional de Educação Física.....	55
3.1.5 As perspectivas do curso e o mercado de trabalho	57
3.1.6 A opção da UFG/RC pelo curso de licenciatura e não bacharelado	59
3.1.7 O curso de Educação Física em perspectiva	60
3.2 Considerações parciais	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	65

INTRODUÇÃO

Caminhos da pesquisadora

Esta pesquisa apresenta o curso de Educação Física da UFG/RC na perspectiva dos egressos e para entender o caminho que percorri até chegar à minha problemática de pesquisa, relato um pouco sobre minha experiência. Como filha de professora, a escola era um universo do qual sempre fiz parte. Gostava de ouvir e contar histórias e saber que cada pessoa contava a mesma história, porém de formas diferentes.

A trajetória escolar que tive da educação infantil até o fundamental dois, foi na escola municipal que minha mãe trabalhava e por muitas vezes eu ficava na escola o dia todo ajudando as professoras na sala ou na biblioteca devorando livros. Até a quinta série (que atualmente é o 6º ano), as aulas de educação física eram ministradas pelos professores regentes e o sonho de todos os alunos era ir para a sexta série porque tinha um professor de Educação Física específico cujas aulas eram maravilhosas!!!! Infelizmente ele saiu da escola justamente quando minha turma passou de ano. Eu já sabia que queria ser professora e me dava bem em todas as disciplinas, mas foi a disciplina de Educação Física que me encantou mais. Então, desde esta época eu tinha o objetivo de ser professora de educação física.

No ensino médio, estudei numa escola particular que tinha ampliado seu currículo para a preparação para o vestibular. Prestei vestibular para Educação Física na cidade de Catalão e Ciências Biológicas na Universidade Federal de Uberlândia. Fui aprovada na UFG de Catalão e nem me preocupei com outros resultados, pois era o que eu realmente queria.

Na graduação em Educação Física, foram surgindo desafios, como na formação, na estrutura física que a universidade oferecia na época e na expectativa de entrar no mercado de trabalho, discussão essa que será apresentada no segundo capítulo.

No ano de 2016, tive a oportunidade de participar de uma seleção para aluno especial do Programa de Mestrado Acadêmico em Educação na UFG/RC e escolhi a disciplina eletiva “Cultura e Memória nos Processos Formativos”, pois era uma área que eu tinha muito interesse em aprofundar meus conhecimentos, uma vez que a memória e as narrativas são relevantes para o desenvolvimento das pesquisas, onde se pode perceber o significado da história na perspectiva de quem a conta e que é um componente essencial para pensar o social, a cultura, a economia e a política.

A partir das experiências com a disciplina eletiva, conversas com colegas da época da graduação e da minha própria formação, percebi que o curso de Educação Física tinha uma

história, história essa que ainda não foi contada a partir das narrativas dos seus egressos. Josso (2004, p.48) aponta a importância de se falar das experiências formadoras quando diz

Falar das próprias experiências formadoras é, pois, de certa maneira, contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribui ao que é “vivido” na continuidade temporal do nosso ser psicossomático. Contudo, é também um modo de dizermos que, neste *continuum* temporal, algumas vivências têm uma intensidade particular que se impõe à nossa consciência e delas extrairemos as informações úteis às nossas transações conosco próprios e/ ou com o nosso ambiente humano e natural.

Falar sobre as próprias vivências e recontar suas experiências traz, para o narrador, sentimentos de intensidades de uma importância e significados individuais. É refazer seu percurso, reviver valores sobre si, o ambiente e o momento passado, o que é mais do que simplesmente contar uma história, é revivê-la e poder extrair detalhes importantes com o olhar do presente.

O curso de Educação Física da UFG Regional Catalão, narrado na perspectiva de seus egressos, para além das perspectivas que têm como sujeitos protagonistas apenas os docentes, pode mostrar que todos os sujeitos são importantes para narrar histórias desta instituição e suas experiências formadoras. Assim, não há apenas uma história, ou uma história mais importante que a outra, e sim várias perspectivas que não podem ser desconsideradas.

Frente a estas considerações sobre minhas vivências e a oportunidade de conhecer o campo da pesquisa biográfico narrativa em educação, surgiu o seguinte questionamento: como se constitui o curso de Educação Física UFG Regional Catalão na perspectiva dos seus egressos? A partir desta problemática, o objetivo geral da pesquisa é conhecer o curso de licenciatura em Educação Física Regional – Catalão através das narrativas dos egressos. Como objetivos específicos, buscamos contextualizar a Educação Física com foco na cidade de Catalão com interfaces em Goiás e Brasil; apresentar os narradores da pesquisa e compreender como se constitui o curso de educação física na perspectiva dos egressos.

Revisão bibliográfica

Não encontramos nenhuma obra sobre a história do curso de Educação Física da UFG Regional Catalão na perspectiva do egresso, o que caracteriza a relevância desta pesquisa, tanto para a comunidade acadêmica, por se tratar de sua própria história, quanto para as pesquisas em educação no sentido de ampliar as discussões acerca da história das instituições e pesquisa auto(biográfica).

Para o aporte teórico da pesquisa, fizemos um levantamento das pesquisas e obras que se aproximavam do tema, sendo que a busca foi realizada no BDTD (Banco de Teses e Dissertações) da UFG e no SCIELO. Para a temática da Educação Física no Brasil, Goiás e Catalão encontramos os seguintes autores: Pires (2007), Trindade (2007) e Chagas (2010), e Silva (2009). Sobre a teoria da História das instituições, encontramos os trabalhos de Oliveira e Gatti (2002), Gatti (2002), Sanfelice (2009), Miguel (2012).

Oliveira e Gatti (2002) propõem um novo olhar historiográfico em oposição à historiografia tradicional na história das instituições, “com um sentido mais amplo, complexo e abrangente sobre os espaços sociais destinados à educação escolar, atribuindo muita importância às suas singularidades e particularidades” (p.73). Ainda para esses autores,

Como se pode perceber, historiar uma instituição educativa, tomada na sua pluridimensionalidade, não significa laudatoriamente descrevê-la, mas explicá-la e integrá-la em uma realidade mais ampla, que é o seu próprio sistema educativo. Nesse mesmo sentido, implicá-la no processo de evolução de sua comunidade ou região é evidentemente sistematizar e re(escrever) seu ciclo de vida em um quadro mais amplo, no qual são inseridas as mudanças que ocorrem em âmbito local, sem perder de vista a singularidade e as perspectivas maiores. (OLIVEIRA e GATTI, 2002, p.74).

O Curso de Educação Física tem suas características próprias que dá ao mesmo uma identidade semelhante à de uma instituição. Os egressos do curso, ao narrarem suas histórias de vida na organização institucional, reafirmam, segundo Bolívar (2014), tanto suas identidades quanto à da instituição, dando sentido às versões de si na instituição. Conforme Oliveira e Gatti, “ao estabelecer uma relação dialética entre a instituição e sua comunidade, em uma pluralidade de sentidos, emerge (...) a necessidade de um redimensionamento dos planos espaço-temporal” (OLIVEIRA E GATTI, 2002, P.74). É nesse redimensionamento dos planos espaço-temporal, nos documentos escritos e nas narrativas que a história do curso de Educação Física vai se constituindo.

Para Gatti (2002, p. 29), a história das instituições “almeja dar conta dos atores envolvidos no processo educativo (...) gerando conhecimento mais aprofundado destes espaços sociais destinados ao processo de ensino e aprendizagem”. Podemos compreender, utilizando as teorias da história das instituições e as narrativas dos egressos, a história do curso de Educação Física da UFG Regional Catalão, abordando, segundo Miguel (2012, p.245), “a relação entre história, memória e instituições escolares (...) o estudo do processo histórico da construção da escola enquanto instituição”. E mais, a construção do curso enquanto memória, que, por sua vez, confere uma biografia institucional.

Referencial teórico

Após a busca por obras que se aproximem da temática da pesquisa e tendo como objetivo conhecer o curso de Educação Física na perspectiva do egresso, nesta pesquisa, que envolve histórias de vida, utilizaremos o método auto(biográfico), pautado nos estudos de Bolívar (2002a, 2002b), Bragança (2011), Delory-Momberger (2012a; 2012b), Ferrarotti (2011), Passeggi (2010; 2013), Honório Filho (2011), e Clandinin e Connelly (2015).

Na abordagem (auto)biográfica tomamos as narrativas dos egressos para constituir o curso de educação física e ao mesmo tempo a constituição do narrador enquanto parte desse processo e parte da organização institucional. O fato de narrar sobre si na instituição, atribui significados e interpretações de si e do curso de Educação Física, ou seja, o poder da narrativa constitui num processo único onde o narrador e o narrado se fundem, fazendo assim parte do mesmo processo.

Honório Filho (2011) em sua obra “Velhas histórias coladas à pele: a importância das histórias de vida na formação do professor” busca

[...] problematizar a narrativa que dá a forma ao vivido enquanto experiência de vida e aprendizagem tomando-a como uma experiência de estranhamento no processo de ensino-aprendizagem, sobretudo as narrativas dos professores ou futuros professores, na formação inicial, na universidade (HONÓRIO FILHO, 2011, p.190).

A partir desses apontamentos, vemos a importância da reflexão sobre o pensar e o agir presentes quando as pessoas relatam sua história de vida e de formação de si. Ao falar sobre sua história de vida, a pessoa que narra revive e dá significado ao vivido.

Esta pesquisa busca dar voz mais forte aos sujeitos e a sua biografia, “entendida aqui não como o curso real, efetivo da vida, mas como a representação dela, construída pelos atores” (DELORY-MOMBERGER, 2012, P.31). E, as narrativas de história de vida constroem identidades, formam significados. Ainda para Delory-Momberger (2012, p. 40),

A narrativa não é, então, apenas o sistema simbólico de que os homens dispõem para exprimir o sentimento de sua existência: a narrativa é o lugar onde a existência humana toma forma, onde ela se elabora e se experimenta sob a forma de uma história.

Clandinin e Connelly (2015) abordam a pesquisa narrativa a partir da experiência pessoal e social. Enfatizam também que “um dos pontos de partida na pesquisa narrativa é a própria narrativa de experiências do pesquisador, sua autobiografia” (p.106).

Ainda sobre o método de pesquisa biográfico, Delory-Momberger (2012, p.525) indica que:

A pesquisa biográfica reconhece, todavia, um lugar particular à enunciação e ao discurso narrativo, na medida em que o narrativo, pelas suas características específicas, é a forma de discurso que mantém a relação mais direta com a dimensão temporal da existência e da experiência humana.

Bolívar (2014) diz que:

las organizaciones, como construcciones sociales, están constituídas por conjuntos de relatos colectivos, vividos y transmitidos que circulan en la cultura interior y en la imagen exterior. Las narrativas, como nudos estratégicos en la construcción del sentido comunitario, son los medios por los que se manifiesta la memoria institucional, la historia y se constituye la identidad organizacional y profesional (BOLÍVAR, 2014, p.330).

Tomamos, portanto, o Curso de Educação Física como uma organização institucional, a qual será analisada pelo enfoque biográfico e narrativo, pois “los individuos construyen las organizaciones em los modos como las perciben, viven e espresan; por lo que podemos estudiarlas mediante la (auto)biografia y relatos” (BOLÍVAR, 2014, p. 331).

Percurso metodológico

Os participantes da pesquisa são egressos do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão/GO, que se formaram entre os anos de 1990 e 2005, que atuam na área. A escolha dos colaboradores da pesquisa foi através das áreas de atuação em ambientes formais e não formais, para analisar a proposta do curso em relação à atuação profissional e também a expectativa deles com curso. Ao localizarmos os egressos, três deles se mostraram dispostos a colaborar com a pesquisa. O critério para a escolha foi de que estes egressos estarem atuando na área da Educação Física escolar e/ou na área da saúde, pois mesmo o curso oferecido pela UFG Regional Catalão fosse de licenciatura, muitos egressos tiveram que atuar fora da área escolar, o que é o caso de um dos sujeitos da pesquisa.

Após a definição dos egressos, pedimos para que eles fizessem uma escrita autobiográfica falando um pouco sobre sua história de vida, formação acadêmica e profissional, para usar como ponto de partida para a elaboração do roteiro para as entrevistas. Definimos o recorte temporal de 1990 a 2005 que se justifica pela chegada do curso em Catalão, em 1990 e na mudança do PPC (Projeto Político de Curso) de anual para semestral,

que aconteceu em 2005, e também a autonomia desse currículo, de acordo com as necessidades da Regional Catalão.

Para produção de dados, foram realizadas entrevistas biográficas com a finalidade de conhecer a história de vida desses sujeitos, pois falar de si é uma forma de resgatar essas memórias e oportunizar aos entrevistados repensar sua trajetória e também, para nós pesquisadores, pensarmos na nossa trajetória acadêmica. Delory-Momberger (2012, p. 526), em relação ao que a entrevista biográfica pretende compreender e colaborar na pesquisa, diz que “é justamente a configuração singular de fatos, de situações e de relacionamentos, de significações, de interpretações que cada um dá a sua própria existência”.

Para a elaboração do roteiro de entrevista biográfica, elegemos temáticas que pudessem apresentar a história de vida atrelada ao curso de graduação, como a escolha do curso, as experiências no decorrer do curso e como o curso se constituía na sua perspectiva.

Além das narrativas orais, também utilizamos as fontes documentais, que chamamos de narrativas escritas, tais como o PPC do curso de Educação Física da UFG - Regional Catalão, atas de reuniões, atas de defesa e registros fornecidos pela secretaria do curso.

Nesse sentido, acreditamos que o método de pesquisa (auto)biográfico possibilitará compreender o curso de Educação Física Regional Catalão a partir das singularidades das histórias de vida dos sujeitos narradores, bem como a compreensão da história do curso na perspectiva desses sujeitos.

A análise dos dados produzidos será a partir da análise narrativa proposta por Bolívar, Dominguez e Fernandez (2001) constituída “de modo que se pueda organizar una secuencia coherente, a partir de unas categorías temáticas, em que unos ejes de coordenadas temporal o temático (BOLÍVAR, DOMINGUEZ E FERNANDEZ, 2001, p. 194). Assim, busca-se decifrar os significados que os egressos trazem em sua história de vida, de forma a “situar os relatos narrativos em um contexto que contribuya a proveer una estructura em que tome um sentido más amplio (BOLÍVAR, DOMINGUEZ E FERNANDEZ, 2001, p. 201).

Estruturação dos capítulos

A dissertação será dividida em três capítulos. No primeiro, buscamos contextualizar o curso de Educação Física em Catalão, onde é o foco da pesquisa, com interfaces no Brasil e no estado de Goiás.

No segundo, apresentar minha própria experiência como egressa do curso de Educação Física e os narradores da pesquisa, relacionando essas histórias de vida com suas experiências com o curso de Educação Física da UFG Regional Catalão.

E no terceiro capítulo, mostrar como se constitui o curso de Educação Física na perspectiva dos egressos através das narrativas orais e escritas.

CAPÍTULO I

O objetivo deste capítulo é contextualizar a história da Educação Física com foco em Catalão, com interfaces no Brasil e no estado de Goiás, buscando compreender como a Educação Física vem adquirindo suas características específicas e garantindo seu espaço na sociedade. Contextualizar a implantação do curso na UFG/RC é fazer um percurso histórico, social e político, ressignificando a memória da educação física como prática de educar os corpos até se constituir como curso superior.

1.1 A Educação Física em Catalão

A partir da expansão e interiorização das práticas da Educação Física e a necessidade de formar o profissional desta área, os cursos superiores foram aumentando gradativamente, seja no âmbito nacional quanto estadual e como aponta Silva (2009, p.53),

A crescente expansão do Ensino Superior tem como aporte legitimador o discurso de ampliação e oportunidades educacionais, que se desdobra no aumento de vagas e/ou na criação de escolas de ensino superior. Nesse caso, a interiorização aparece como a consequência dessa política, visto que há uma descentralização da oferta de vagas e da criação de escolas no interior dos estados e regiões. A interiorização é vista, portanto, como mecanismo de ampliação de oportunidades e serviços, gerando assim, as condições de desenvolvimento das cidades interioranas consideradas como pólos de irradiação de desenvolvimento socioeconômico.

É dessa política de interiorização e expansão universitária que o curso de Educação Física se consolida na cidade de Catalão - Goiás, a partir de interesses da prefeitura e parcerias com a Universidade Federal de Goiás. Com isso, pelo Convênio n.27/89, outros cursos foram trazidos para Catalão e entre eles o curso de Educação Física, com um quadro de professores disponibilizados por convênios com a prefeitura. (SILVA, 2009).

Haley Margon Vaz, ex-prefeito de Catalão, acreditava no avanço da cidade a partir da educação e sempre apoiou e incentivou o ensino superior. Devido a interesses políticos e sociais e também acreditando que seria a profissão do futuro, o curso de licenciatura em Educação Física foi criado na UFG de Catalão.

Com efeito, revelando interesse em atender as demandas por cursos na área de formação de professores o então Prefeito Municipal de Catalão, em 1989, encaminhou uma “Exposição de Motivos” a Reitoria da UFG solicitando a implantação do curso de Educação Física e História (SILVA, 2009, P. 117).

A primeira turma foi composta no ano de 1990 por 12 alunos ingressos por vestibular seletivo, cuja nota mínima para aprovação era de 7.0. Alguns alunos posteriormente se transferiram para a UFG de Goiânia e outros acabaram desistindo, formando apenas 07.

Figura 1 - Primeira turma de egressos do curso de Educação Física da UFG/RC.



Fonte: Acervo do Departamento do curso de Educação Física UFG/ Regional Catalão.

Dificuldades e desafios no início do curso aconteceram devido à falta de recursos pedagógicos e de estrutura física, onde os alunos deveriam se deslocar para outros espaços físicos, como o complexo esportivo do CRAC¹ e o clube SESI². Os professores não eram específicos para Catalão, eram docentes cedidos da Faculdade de Educação Física de Goiânia. Mas, no segundo ano a prefeitura realizou um concurso para professores específicos para atuar em Catalão, continuando também com os que eram de certa forma, “emprestados” para suprir a necessidade. Como aponta Silva (2009, p.86),

Embora o cenário nacional não fosse favorável a uma expansão da educação superior, visto que as políticas públicas mantinham uma agenda financeira para a educação um tanto irrisória diante das demandas na área, o movimento da UFG e das Prefeituras dos Municípios, então selecionados para a instalação de Campi Avançados, se efetivava. Desta feita um dos problemas enfrentados pela UFG e Prefeituras dos Municípios interessados nos cursos superiores era no sentido de como iria suprir o quadro de professores nos referidos Campi, isto é: a oferta de vagas dos cursos de

¹ Clube Recreativo e Atlético Catalano

² Serviço Social da Indústria-Dep Reg de Goiás.

Goiânia para o CAC implicava em aulas no interior com professores da UFG/Goiânia. Porém, tal impasse não motivou o recuo de nenhuma das partes convenientes, e, sim, a busca de meios jurídicos e acadêmicos para estar resolvendo tal impasse (SILVA, 2009, p.86).

Do início do curso até o ano de 2004, o currículo utilizado foi o da UFG - campus Goiânia. Os professores de Catalão deveriam ir à Goiânia participar do planejamento e formulação dos planos de ensino sempre no começo do ano letivo, mas suas necessidades locais não eram atendidas, visto que o currículo deveria ser nos moldes da capital.

Logo após o início das primeiras turmas em Goiânia, implantaram-se novas turmas no campus avançado da UFG em Catalão (1990) e Jataí (1992). Nesta expansão, manteve-se toda a configuração curricular e a orientação pedagógica e institucional sob a coordenação político-pedagógica de Goiânia. As vagas desde então perfazem 160, anualmente, com ingresso por meio do concurso vestibular, sendo distribuídas 40 vagas para Catalão, 40 vagas para Jataí e 40 vagas matutino e 40 vagas vespertino para Goiânia. (PPC, 2004, p.3).

O primeiro currículo esteve vigente de 1990 a 2004 e era de regime anual e a configuração curricular proposta por Goiânia atendia parcialmente as demandas e a realidade de Catalão e dos alunos, seja em estrutura física ou em recursos pedagógicos, como mostra o relato de Karen:

A gente não tinha piscina, não tinha quadra coberta, não tinha pista de atletismo sabe? Não tinha nada! Nossa... na biblioteca a gente não achava material, sabe? Na época, não tinha computador, né, não tem o que a tecnologia que têm hoje. Então, assim, a gente era muito restrito. A gente usava a estrutura do SESI na época. Assim, a gente foi muito limitado com relação a isso. Mas, as vivências que eu tive, as pessoas com quem eu convivi, os professores que eu tive também, ajudaram muito, sabe? Ajudaram muito. Tinha muito professor de fora. (Karen, 2018, p.9).

Apesar do curso não possuir estrutura física adequada, as experiências formadoras aconteceram através de vivências e troca de saberes entre alunos e professores, o que enriquece o processo da formação, dando um significado maior, ao passo que os desafios fossem surgindo. Para Bolívar (2002, p. 100), isso leva ao reconhecimento da “autoformação como uma modalidade privilegiada, que permite ligar as diferentes etapas/ciclos de cada história de vida com o processo de formação”.

Para a elaboração do PPC do curso de Educação Física da UFG/Regional Catalão, foram levados em consideração aspectos tanto históricos quanto epistemológicos, bem como o papel do profissional da Educação Física para a sociedade.

Um aspecto relevante de natureza contextual e histórica e que influenciou profundamente a elaboração desta proposta curricular foi, na época, o

intenso debate no meio acadêmico sobre o estatuto epistemológico da área e o perfil do profissional no sentido de identificar qual deveria ser o papel social da Educação Física numa sociedade de classe, refém da indústria cultural e a dependência de um modelo de pensar proveniente dos países em avançado estágio de desenvolvimento econômico e sócio-cultural. Isto sem se falar da necessidade de reconstrução da democracia brasileira após os anos tenebrosos de ditadura militar que promoveu profundos prejuízos ao desenvolvimento acadêmico-científico da Educação Física brasileira. (PPC, 2004, p.3).

Pensar o papel social da Educação Física numa época em que esta modalidade de ensino era voltada para a domesticação do corpo, para o militarismo e práticas higienistas era um desafio talvez até maior que a estrutura física adequada, uma vez que todas as demandas deste processo perpassaram pelos movimentos históricos, sociais e econômicos. Para Bragança (2011),

As instituições educativas afirmam-se como espaços sociais em que esse movimento ocorre de forma sistematizada. Contudo, o processo educativo não se restringe a elas, ao contrário, perpassa toda vida humana. Por meio da educação, o sujeito amplia sua visão de mundo e se organiza para atuar de forma crítica, propositiva e humana. O conhecimento é, assim, uma possibilidade de libertação. A educação coloca-se, dessa forma, como prática social, tanto em sua vertente institucionalizada como em sua vertente informal. Já a formação é um processo interior; ela liga-se à experiência pessoal do sujeito que se permite transformar pelo conhecimento. Assim, podemos afirmar que, potencialmente, todos os espaços e tempos da vida são espaços e tempos de formação, de transformação humana. (BRAGANÇA, 2011, p. 158).

As experiências de vida, independentemente de serem institucionalizadas ou não, podem ser formadoras, desde que estejam interligadas às experiências do sujeito e que ele atribua um significado. “As interações humanas vão constituindo a cultura, e a *educação* consiste na apropriação/recriação desse conhecimento acumulado pela humanidade; nesse sentido, o processo educativo permeia toda vida humana” (BRAGANÇA, 2011, p. 158).

Partido do intenso processo de construção da identidade dos cursos superiores em Educação Física e seu processo de institucionalização, bem como as peculiaridades apresentadas em cada região, tomamos o curso de Educação Física da UFG/RC como uma instituição, dada a sua característica própria e sua história na construção de sua identidade e a luta de muitos atores dessa construção para a sua consolidação na cidade de Catalão - GO. Para Miguel (2012),

Na pesquisa em história da educação, consideramos que há duas possibilidades de abordar a relação entre história, memória e instituições escolares: a primeira é aquela que estuda instituições escolares enquanto unidades; a segunda é o estudo do processo histórico da construção da escola enquanto instituição. No primeiro caso, aborda-se a instituição escolar

enquanto unidade específica ou componente de um mesmo grupo de unidades. Tais unidades guardam entre si características similares no exercício de funções semelhantes. Inclui-se neste caso, por exemplo, o estudo da história de um grupo escolar em um determinado período, sua organização, seu funcionamento, alunos, formação de seu corpo docente e demais componentes que constituem a sua existência, enquanto um determinado tipo de escola. É possível neste enfoque procurar compreender o significado desse tipo de escola para a população e o Estado que o provê, a partir de elementos ou indicadores que possibilitem a reconstrução da história daquela escola (MIGUEL, 2012, p.245).

É a partir desta perspectiva da instituição como uma unidade que o curso de licenciatura em Educação Física da UFG/RC se encontra, de forma singular, em aspectos de organização, estrutura, identidade e que mesmo fazendo parte da UFG é diferente em relação a outros cursos, na valorização do processo da sua construção, tanto para a sociedade, quanto para as pessoas que participaram dessa história.

A seguir, apresentamos um quadro com a quantidade de matriculados e egressos do curso de Educação Física da UFG/RC de 1990 a 2005:

Quadro 1 - Número de matriculados e egressos do Curso de Educação Física da UFG/RC- 1990 a 2005

MATRICULADOS E EGRESSOS DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFG/RC			
MATRICULADOS POR ANO		EGRESSOS POR ANO	
1990	11	1990	-
1991	50	1991	-
1992	88	1992	-
1993	94	1993	07
1994	124	1994	15
1995	140	1995	24
1996	145	1996	30
1997	149	1997	16
1998	147	1998	19
1999	151	1999	36
2000	142	2000	20
2001	143	2001	34
2001	139	2001	20
2003	159	2003	28
2004	164	2004	29
2005	162	2005	39

Fonte: Sistema SAA (Sistema de Administração Acadêmica).

1.2 Educação Física no Brasil e em Goiás

Para uma maior compreensão do movimento que a Educação Física apresenta, seja como prática corporal, escolar ou como curso superior, levamos em consideração seu percurso no Brasil e no estado de Goiás.

Segundo Chagas (2010) nos séculos XVIII e XIX, há uma nova organização dos países europeus, onde a burguesia buscava uma moralização da Europa e nessa busca da ordem, a Educação Física apresentava uma função social de higiene e moral.

A educação do corpo em função de controle da moral e higiene consolidava uma nova sociedade e uma nova classe trabalhadora. Com a nova classe social emergente a partir da Revolução Industrial, também surgiram novos valores e novas reflexões acerca da saúde do corpo que atendessem “às exigências de saúde do ‘corpo biológico’ para a manutenção do ‘corpo social’, ou seja, para a produção e reprodução do capital” (SOARES, 2012, p. 17). O autor aponta ainda que

O discurso higienista na Europa do século XIX veiculava a idéia de que as classes populares viviam mal por possuírem um espírito vicioso, uma vida imoral, liberada de regras e que, portanto, era premente a necessidade de lhes garantir não somente a saúde, mas fundamentalmente a educação higiênica e os bons hábitos morais. (SOARES, 2012, p. 20).

Essa concepção da Educação Física higienista permeou por muito tempo na Europa e também no Brasil e o exercício físico, “estava comprometido com a ordem e a moral burguesa, e traduzia-se como sinônimo de saúde física e mental (...)” (CHAGAS, 2010, p. 39-40). Educar e disciplinar eram medidas para controlar tanto o corpo biológico quanto o social, controlar as condutas sociais e manter a moral que era exigida naquele contexto. Soares (2012) mostra que, para a construção de um novo homem, que era de interesse para o capital, era necessário manter a saúde do corpo, o que, com a contribuição dos médicos higienistas, seriam definidos os hábitos das famílias.

Dessa forma, o estado deu prioridade às famílias na busca da disciplina do corpo e da ordem, pois a “família moderna burguesa, bem como a família operária, desempenha uma função determinante na estruturação dos papéis que seus membros, individualmente, deverão desempenhar na sociedade” (SOARES, 2012, p. 20).

A influência da Europa no Brasil nos séculos XIX e XX também se deu do ponto de vista filosófico, com fortes raízes no Positivismo, e

É sabido que o positivismo logrou alcançar êxito entre nós pelo fato de sofrer o Brasil – face a um processo de colonização bancado por um Portugal em muito atraso no cenário cultural europeu da época – uma síndrome da insuficiência filosófica exarcebada, haja vista apenas existir naquela época no país uma fundamentação de ordem Tomista, implantada pela Igreja Católica. Interage com esse fator aquele outro pertinente aos anseios de progresso próprios de um país jovem, ansioso por crescer. A filosofia Comteana veio atender, assim, às necessidades de um Brasil ressentido de um componente filosófico contundente e em busca de um referencial teórico-filosófico que fosse ao encontro de sua disposição para o progresso. (CASTELLANI FILHO, 2013, p. 28).

O Positivismo no Brasil teve como um dos maiores precursores os militares. Com a busca pelo progresso, ordem e o patriotismo da época, os militares foram influenciados pelo positivismo e a Educação Física foi um mecanismo para educar o físico, formando os homens fortes que a sociedade tanto precisava naquele momento.

Tendo suas origens maçadas pela influência das instituições militares – contaminadas pelos princípios positivistas e uma das que chamaram para si a responsabilidade pelo estabelecimento e manutenção da ordem social, quesito básico à obtenção do almejado Progresso – a Educação Física no Brasil, desde o século XIX, foi entendida como um elemento de importância para o forjar daquele indivíduo “forte”, “saudável”, indispensável à implementação do processo de desenvolvimento do país que, saindo de sua condição de colônia portuguesa, no início da segunda década daquele século, buscava construir seu próprio modo de vida. (CASTELLANI FILHO, 2013, p. 30).

A busca pelo indivíduo saudável não foi apenas um objetivo dos militares, uma vez que os médicos, com suas práticas higienistas, também buscavam uma nova sociedade brasileira saudável e forte para que o País pudesse se desenvolver melhor. Assim como aponta ainda Castellani Filho (2013, p. 30),

Contudo, esse entendimento, que levou por associar a Educação Física à Educação do Físico, à Saúde Corporal, não se deve exclusivamente, nem tampouco prioritariamente, aos militares. A eles, nessa compreensão, juntavam-se os médicos que, mediante uma ação calcada nos princípios da medicina social de índole higiênica, imbuíram-se da tarefa de ditar à sociedade, através da instituição familiar, os fundamentos próprios ao processo de organização daquela célula social.

As práticas corporais na Educação Física no Brasil tiveram como primeiros difusores os imigrantes, que vindo de países, como principalmente Alemanha, Suécia, França e Inglaterra, “acabaram se constituindo como um dos primeiros professores de Educação Física no Brasil” (PIRES, 2007, p. 33). Ainda para Pires (2007),

A necessidade de se formar professores de Educação Física surge com a reforma de Couto Ferraz em 1851, e, mais especificamente, três anos depois, com sua regulamentação através da lei n° 630, que confere a obrigatoriedade da ginástica nas escolas (PIRES, 2007, p. 35).

No ano de 1910 foi criado o primeiro curso de Educação Física no país pela responsabilidade do Exército, de caráter provisório, com duração de cinco meses e a maioria dos participantes eram militares e os professores eram médicos e ex-atletas (SILVA e SOUZA, 2010). Com base nas pesquisas de Silva e Souza (2010, p.01),

No entanto, os primeiros cursos civis foram criados em São Paulo em 1934 (que tempos depois foi incorporada a Universidade de São Paulo) e no Rio de Janeiro em 1939, na Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro. Este último criado pelo decreto-lei 1.212 de 17 de abril de 1939 tinha como objetivo ser a escola padrão na formação de Educação Física no Brasil, apesar de naquela ocasião já existissem outras escolas de formação na área da Educação Física no país, ela foi à primeira instituição de ensino superior em Educação Física pertencente a uma universidade (UFRJ, 2006) e que curiosamente outorgava diferentes títulos com diferentes durações.

A titulação de Licenciado tinha duração de dois anos e as demais com duração de um ano eram: Normalista especializado em Educação Física, Técnico desportivo, Treinador e Massagista desportivo e Médico especializado em Educação Física e desporto (SILVA e SOUZA 2010).

Sobre as primeiras escolas de ensino superior em Educação Física, Trindade (2007, p.38) aponta que:

As primeiras escolas civis de formação de professores de Educação Física foram criadas em 1939: a Escola de Educação Física do Estado de São Paulo - EEFUSP e a Escola Nacional de Educação Física da Universidade do Brasil - ENEFD, que possibilitaram aos professores civis a habilitação, em nível superior, do magistério da Educação Física.

Estas escolas buscavam em caráter emergencial formar profissionais para atuar na área, já que a ginástica se tornou obrigatória nas escolas. Mas, no Brasil, ainda não tinham cursos para a formação em Educação Física. Essas primeiras escolas civis tinham por finalidade “à formação de dois profissionais distintos, quais sejam: instrutor de ginástica e o professor de Educação Física” (PIRES, 2007, p.38).

Trindade diz que

Os primeiros cursos de Educação Física no Brasil foram normatizados pelo Decreto-lei n.º 1.212/39, de 17 de abril de 1939, com uma proposta de formação profissional tecnicista. O Parecer do Conselho Federal de Educação - CFE n.º 894/69, de 2 de dezembro de 1969, que resultou na

Resolução 69/69, possibilitou uma formação mais pedagógica para a área. Fixava os mínimos de conteúdo e duração a serem seguidos na estruturação dos cursos de Educação Física (currículo mínimo de 1800 horas) (TRINDADE, 2007, p.55).

Essas modificações nos currículos dos cursos, através das resoluções, estavam ligadas às demandas sociais e profissionais da época, o que garantiu uma ampliação dos cursos superiores em Educação Física. E, conseqüentemente, quanto à melhoria e adequação das bases curriculares, “vale dizer que este foi o primeiro modelo curricular de formação de profissionais de Educação Física a ser seguido nacionalmente” (PIRES, 2007, p. 41).

De encontro a esse esforço, no intuito de buscar legitimidade para a área e o reconhecimento social de seus profissionais, a Constituição de 1937 vai tornar a educação física obrigatória nas escolas, fazendo surgir outras reivindicações especialmente relacionadas à profissão, como, por exemplo, a exigência de um currículo mínimo para a graduação. Essa conquista deu-se em 1939, por meio do decreto-lei n. 1.212 que criou a Escola Nacional de Educação Física e Desportos e estabeleceu as diretrizes para a formação profissional. Entretanto, para além do discurso de determinado grupo, tem início um processo de organização e regulamentação que irá contribuir para a constituição do campo da educação física, pois se organizou e se regulamentou a profissão entre leigos e não-leigos na constituição do seu “campo”. (NETO et al. 2004, p. 116).

Mesmo com maior expansão na área escolar, a Educação Física não se desvinculou da área da saúde, o que contribuiu para seu processo de institucionalização, porém, havia uma dualidade entre a teoria relativa à saúde e a prática relativa ao exército.

Assim, para a Educação Física em seu processo de institucionalização, a relação com este campo biomédico teria sido interessante, assim como também com os educadores e filósofos, ainda que estas relações ocorressem mais no plano teórico e político e menos no cotidiano do trabalho que permanecia referenciado no ideário militar, como nos indica Melo (1996). Vemos, então, constituir-se, neste processo, as ambigüidades entre educação e saúde, alicerçadas numa forte dualidade entre uma referência teórica fundamentada na saúde e uma prática constituída no exercício da caserna (SILVA et al., 2009, p. 5).

Estas ambigüidades se deram ainda pela forte presença do positivismo nas práticas relacionadas às atividades corporais, bem como à maneira higienista de tratar o corpo, uma vez que a formação da Educação Física ainda estava acontecendo por responsabilidade dos militares em sua grande parte.

No ano de 1939, com o decreto-lei n. 1.212, cria-se a Universidade do Brasil e a Escola Nacional de Educação Física e Desportos e a partir de janeiro de 1941, o diploma de

licenciado em Educação Física passou a ser exigido nos estabelecimentos oficiais do país, públicos ou particulares para a execução das atividades (NETO et al. 2004).

Com exceção do curso para formar professores com duração de dois anos, os demais eram desenvolvidos no período de um ano. Da mesma forma pode-se dizer que a formação do professor é a de um técnico generalista, mas carregada no compromisso de ser um educador. Paralelo a esse decreto-lei, passa-se a exigir também o diploma de graduação, para o exercício profissional (NETO et al. 2004, p. 117).

Com isso, o curso de Educação Física ganha status de nível superior, após discussões e lutas pela formação de sua identidade, que ganhou espaço na sociedade através da docência, o que abriu caminho para atuação em diversas áreas.

Em 1969 o currículo de formação em Educação Física ganha o status de nível superior após a resolução CFE de nº69/69 que aumentava a carga horária para um mínimo de três anos e 1800 horas, outorgando título de Licenciatura Plena e uma possível complementação de duas disciplinas para a obtenção do título de Técnico desportivo. Percebeu-se uma preocupação com a formação educacional com o aumento das disciplinas da área, porém a grande novidade foi à inserção de um elenco de disciplinas obrigatórias, subdivididas em básicas e profissionais, nos cursos de todo país, sendo este modelo chamado de currículo mínimo (TOJAL apud SILVA E SOUZA, 2010, p.01).

Em 16 de Outubro de 1987, foi aprovada uma nova resolução para os cursos superiores em Educação Física, a qual extinguiu o fim do currículo mínimo, adotou as áreas de conhecimento de natureza técnico-científica e ampliou a carga horária do curso. Como a prática da educação física em ambientes não formais estava em expansão, foi criada a titulação de bacharelado para atender a demanda deste mercado em ascensão (SILVA e SOUZA 2010).

Apesar de constar da resolução como possibilidade de Titulação, o Bacharelado em Educação Física foi oferecido por poucas instituições no Brasil, pois a Licenciatura, além de permitir a atuação na área escolar, também o fazia em relação ao espaço não formal, tirando o sentido de existência do Bacharelado. (NOZAKI apud SILVA e SOUZA, 2010, p. 02).

Em relação ao currículo não se percebeu uma diferenciação na formação, o que aumentou o desinteresse das instituições de ensino em oferecer uma modalidade de formação que possibilitava menos campos de atuação ao egresso do que a licenciatura. (SILVA e SOUZA, 2010, p.02).

A década de 1990 foi marcada por discussões acerca das exigências do modelo de economia vigente, que acarretou em uma nova reformulação dos currículos dos cursos de licenciatura em Educação Física, em 2002, sendo que um dos pontos a ser destacado é o

aumento da carga horária para 400 horas de Práticas Curriculares e carga horária mínima do curso de 2800 horas. Assim, “foram criadas diversas comissões de especialistas para determinar os diferentes conteúdos dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em diversas áreas e com a Educação Física não poderia ser diferente” (SILVA e SOUZA, 2010. p 02).

No final do século, com as publicações da LDBEN n. 9.394/96, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e da lei n. 9.696/98 com a regulamentação profissional da educação física, observou-se, a caminho, um novo desenho curricular para a área da educação como um todo e um novo delineamento no campo da intervenção profissional da educação física, bem como da educação, marcados por um novo fenômeno, o “profissionalismo” (NETO et al. 2004, p. 123).

Discussões acerca das titulações de licenciatura e bacharelado foram surgindo, de um lado pessoas que defendiam essa divisão com base nas habilidades necessárias para a atuação na área escolar e não escolar e, de outro, quem defendia que o curso de Educação Física deveria ser ampliado para atender todos os espaços de atuação em uma única formação. A crítica ao primeiro grupo era que, mesmo com a divisão das titulações, o curso de bacharelado não conseguira acompanhar o mercado de trabalho em expansão e, do outro grupo, a crítica era de que essa formação ampla descaracterizava o curso que tinha conseguido sua identidade na docência (SILVA e SOUZA, 2010).

A construção de identidades, licenciatura e bacharelado, e a contínua fragmentação da formação que se pode acompanhar, ao serem implantadas para sanar demandas de mercado, além de não qualificarem política e academicamente à formação, fragilizam o campo da Educação Física. Engessam, assim, as possibilidades de discussão e reflexão e, mais, de efetiva contribuição social. A reflexão acerca dessas questões político-econômicas alerta para tensionamentos e mecanismos de poder interiorizados no processo social educacional e de formação profissional em Educação Física, expressos em alguns discursos científicos tradicionais, na materialização de leis, diretrizes, conselhos e investimentos destinados para a área. O apoio, a abertura e o investimento do Estado para a rápida propagação e desenvolvimento de instituições de ensino superior privado é um dado preocupante, visto a transferência de responsabilidades e deveres deste com o ensino, a proliferação acelerada, sem medidas e controles qualitativos de implantação e acompanhamento, bem como as restrições presentes nestes setores, com finalidades de rendimento e lucro definidas em sua constituição, portanto, sempre preza as demandas e exigências do mercado (SILVA et al., 2009, p. 08).

Após estas discussões, surgiu a Resolução CNE/CES nº 07/2004 que substituiu a antiga Resolução 03/87, com diretrizes para a formação do profissional de Educação Física no Brasil, como aponta o Art. 1º:

Art. 1º A presente Resolução institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Educação Física, em nível superior de graduação plena, assim como estabelece orientações específicas para a licenciatura plena em Educação Física, nos termos definidos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica (CNE/CES 7/2004, p.1).

Ainda sobre a formação plena em Educação Física, a Resolução CNE/CES nº 07/2004 apresenta no Art. 6º § 1º as seguintes competências:

- Diagnosticar os interesses, as expectativas e as necessidades das pessoas (crianças, jovens, adultos, idosos, pessoas portadoras de deficiência, de grupos e comunidades especiais) de modo a planejar, prescrever, ensinar, orientar, assessorar, supervisionar, controlar e avaliar projetos e programas de atividades físicas, recreativas e esportivas nas perspectivas da prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde, da formação cultural, da educação e reeducação motora, do rendimento físico-esportivo, do lazer e de outros campos que oportunizem ou venham a oportunizar a prática de atividades físicas, recreativas e esportivas (CNE/CES 7/2004, p.2-3).

Estas competências atribuídas aos egressos na forma de licenciatura plena tornam, de certa maneira, a titulação de bacharelado desnecessária na época, uma vez que as habilidades eram contempladas no curso de licenciatura plena e que a identidade formada era na docência e embora o bacharelado tenha surgido para atender as demandas do mercado de trabalho, também não contemplava todas as exigências que as áreas do movimento humano exigiam.

As práticas da Educação Física, a partir de todo esse movimento nacional para a educação do corpo, foram sendo difundidas no interior do país. Em Goiás, as atividades físicas tiveram também uma forte influência do militarismo, como aponta Dias (2008, p.386),

Em Goiás, especificamente, foram três as primeiras e principais instâncias responsáveis por organizar práticas ou mobilizar discursos relacionados à ginástica a partir do quartel final do século XIX: a imprensa, a Companhia de Aprendizes Militares e as companhias circenses e teatrais. Além disso, secundariamente, tentativas de inclusão da ginástica no Instituto Episcopal ou a existência de livros sobre o assunto no Gabinete Literário Goiano, única biblioteca pública na região na época, também foram consideradas.

A imprensa, sobretudo os jornais goianos, teve um papel importante ao divulgar a ginástica em Goiás, uma vez que o Estado tinha sua localização distante das grandes metrópoles. Os jornais destacavam a importância das atividades físicas, da ginástica como forma de promover a saúde e a higiene (DIAS, 2008). Ainda para Dias (2008), a elite goiana teve um papel de intermediar o que acontecia no Rio de Janeiro, por exemplo, e em Goiás.

A elite intelectual local, todavia, bastante concatenada com as novidades de desembarcarem nos portos do Rio de Janeiro, o que incluía concepções particulares sobre a ginástica e a educação do corpo, se responsabilizava

pelo processo de intermediação cultural entre a modernidade desses novos costumes e as tradições e mentalidades sertanejas do torrão goiano. Nesse sentido, mais do que apenas informar ou oferecer notícias, os jornais funcionavam também como instâncias pedagógicas importantes para vinculação de novos ideais e para criação de novos consensos (DIAS, 2008, p.392).

Deste modo, mesmo distante geograficamente das cidades pólos do País, Goiás acompanhou as demandas sociais, políticas e educacionais que vigoravam na época, como a influência positivista dos militares na educação, sobretudo a Educação Física, marcado por mudanças nas legislações, através das resoluções e esforços para a construção de um novo modelo de educação.

Em larga medida, foi por intermédio de ações deflagradas no âmbito das escolas que a prática de diferentes tipos de exercícios físicos tornou-se, pouco a pouco, um hábito cotidiano em Goiás. Preocupações com a educação, que diriam respeito também à educação física, funcionaram mesmo como um dos principais elementos a favorecer o entusiasmo diante delas. No início, tratava-se de atividades difusas, pouco sistematizadas ainda, na maioria dos casos precárias, mas mesmo assim apreendidas já como importantes, às vezes indispensáveis. Com o tempo, contudo, elas ganharam relevância crescente, adquirindo, inclusive, estatuto de um saber especializado no programa curricular das escolas de Goiás. Uma combinação de interesses civis e militares, nacionais e regionais, parece ter sido o principal responsável por esse processo (DIAS, 2014b, p. 95).

As primeiras práticas corporais em Goiás, em instituições escolares, aconteceram no ano de 1912, no Lyceu de Goyaz, que oferecia instrução militar aos alunos, o que fez com que, a partir de iniciativas do governo federal, houvesse a expansão das práticas militares nas escolas brasileiras. Consequentemente, Goiás foi contemplado com tais práticas. Práticas estas que visavam promover hábitos higienistas e eugenistas. (DIAS, 2014b).

Deste modo, assim como nas grandes metrópoles brasileiras, surgiu a necessidade de formar profissionais habilitados a ministrar tais práticas, pois a educação física foi ganhando espaço nas instituições escolares. De acordo com Luiz (2014),

A instituição precursora na formação em Educação Física no Estado de Goiás é a Escola Superior de Educação Física do Estado de Goiás (ESEFEGO), criada a partir de uma demanda governamental para ampliar a oferta de professores de Educação Física que fomentassem a iniciação esportiva pelo estado (SOUZA, 2003). Tal aspecto remonta os interesses locais e partidários da década de 1960, enquanto a Educação Física padecia de uma confusão procedimental que a equiparava ou simplificava somente às práticas de ginásticas típicas das instituições militares (UEG, 2009) (LUIZ, 2014, p. 03).

Esta busca da Educação Física, em mostrar que suas práticas vão além daquelas atreladas aos ideais militares, esteve constante no processo de construção de sua identidade. Nessa trajetória, a formação superior que o curso proporcionava veio se modificando. Ainda para Luiz (2014),

De 1963 até 1989 com a formação promovida exclusivamente pela ESEFEGO, consolidou-se a atuação de professores de Educação Física nas escolas do estado de Goiás. A partir de 1989 a Universidade Federal de Goiás (UFG) inicia o Curso de Educação Física com vistas a formar professores que passem a atuar nas demais cidades do estado, objetivo que foi alcançado a partir da criação do mesmo curso nos câmpus Catalão e Jataí, nos anos de 1990 e 1992, respectivamente (LUIZ, 2014, p. 03).

No final da década de 1990, foram criados outros cursos com outros perfis em atuação profissional, como o curso de licenciatura e bacharelado em Rio Verde, em 1997, vinculado na área da saúde. Desse modo, os cursos de bacharelado do estado a partir da articulação entre ensino, pesquisa e extensão tinham por objetivo a formação profissional na área da saúde (LUIZ, 2014).

Toda essa trajetória da Educação Física enquanto prática corporal, até sua institucionalização como disciplina escolar e curso superior, aparece como justificativa para a criação do curso de licenciatura de Educação Física em Catalão, trazendo a docência como foco, que foi o campo onde se instituiu a primeira identidade do curso em nível superior.

1.3 Considerações parciais

A Educação Física no Brasil teve suas raízes na Europa, pelo grande movimento para a consolidação do capitalismo e do homem moderno, cujo corpo era saudável e forte. As influências do militarismo e das práticas higienistas foram moldando a Educação Física de acordo com os interesses do País, que adotaram muitas práticas do positivismo e que ao longo do tempo, do contexto e das modificações sociais, econômicas e políticas, foram construindo e consolidando a ginástica ao mesmo tempo em que a identidade do país era formada.

Os cursos de licenciatura datam da década de 1930, tendo ganhado a sua especificidade na década de 1960, mas por terem sido vistos como cursos de segunda categoria houve todo um percurso de lutas na sociedade brasileira com o objetivo da revalorização da profissão de professor da qual a Associação Nacional pela Formação de Profissionais de Educação (Anfope) é um dos exemplos mais significativos de atuação de entidades profissionais nas novas diretrizes curriculares que estão em curso nesse início de século XXI, buscando conquistar a autonomia no campo do saber docente, no

campo da formação profissional. Dessa forma, emerge desse redimensionamento uma nova categoria de estudo na sociologia das profissões, no campo do currículo, na esfera das políticas públicas no que se refere ao enfoque do “profissionalismo” e da “profissionalidade”. A formação profissional deixa de ser apenas uma questão de grade curricular e ganha espaço nos estudos da memória, da história cultural, da história das profissões, das corporações de ofício (NETO et al. 2004, p. 125).

A prática da Educação Física nas escolas foi um ponto importante para a institucionalização no ensino superior, passando então a responsabilidade da formação para as instituições de ensino superior e não apenas do exército, o que contribuiu para discussões acerca da identidade que o curso foi adquirindo ao longo da história.

A criação do curso de Educação Física em Catalão, bem como em todo o estado de Goiás, foi uma luta tanto das demandas do governo, quanto da sociedade. Essa história da Educação Física da UFG/RC que está na memória de seus protagonistas, no caso os egressos, tem que ser contada!

CAPÍTULO II - Narrativa e biografização.

“A escrita de si tornou-se tão usual que podemos falar de uma sociedade biográfica”

(PASSEGGI, 2010, p. 104).

A partir da contextualização da Educação Física em Catalão, Goiás e Brasil, percebe-se que a Educação Física tem seus atores principais que marcaram o desenvolvimento da área, tanto como prática de atividades físicas, quanto sua constituição como curso superior. As fontes documentais trazem uma narrativa objetiva significativa, porém não é o suficiente para apresentar o significado e a experiência que as pessoas tiveram nesta organização institucional. Trazer esses elementos históricos entrelaçados com as narrativas dos egressos pode ampliar a perspectiva do curso, de forma a compreender que os egressos constituem o curso ao mesmo tempo em que o curso de Educação Física os constitui. É um movimento entre a história, a memória e a narrativa, produzindo versões de si e do curso, afirmando assim a identidade do curso como um todo, configurando um processo de biografização (DELORY-MOMBERGER, 2012b).

Bolívar (2014) diz que

Lo que sea una organización es dependiente de las compresiones narrativas de los actores. El objetivo de las histórias contadas es contribuir a formar un sentido de comunidade, al tiempo que crean la realidade. Los hombres se mueven em el interior de escenarios, o dicho de outra manera, viven sua vidas como unas histórias (BOLÍVAR, 2014, p. 332).

Ao viverem suas vidas como histórias, produzem memórias, nas quais incluem suas experiências no curso de Educação Física. E “es sólo recuperable desde os relatos de vida organizativa, que ponen em juego todo el potencial de memória de indivíduos e colectivos” (DOMINGO apud BOLÍVAR, 2014, p. 332).

A narrativa de si para Delory-Momberger é um espaço de construção das biografias e acesso aos processos de biografização e

A particularidade da condição biográfica é fazer da narrativa de si, simultaneamente, uma forma da construção e da expressão individual, um objeto social, produto de uma prática codificada que responde a uma demanda biográfica institucionalizada. O discurso sobre si, principalmente sob a forma narrativa, acha, assim, sua função e seus usos no processo conjunto de biografização da sociedade e societização das biografias, característico da modernidade avançada (DELORY-MOMBERGER, 2012b, p. 33).

Dessa forma, os egressos, ao nos contarem suas histórias de vida, constituem o processo de biografização do Curso de Educação Física, dando sentido não apenas ao individual, mas ao social, associando, assim, a história do curso com sua história de vida.

2.1 Narradores da pesquisa: qual sua história?

As entrevistas foram realizadas na UFG/RC no Laboratório de Multimeios a fim de estimular a memória dos egressos e por ser um local onde não haveria interrupções, para que, no processo de biografar-se, o egresso “compreenda, se aproprie de sua própria formação e a reconstrua a partir da sua história de vida” (BOLÍVAR, 2002b, p. 99). Ainda para o autor,

La subjetividad es, más bien, una condición necesaria del conocimiento social. La narrativa no sólo expresa importantes dimensiones de la experiencia vivida, sino que, más radicalmente, media la propia experiencia y configura la construcción social de la realidad. Además, un enfoque narrativo prioriza un yo dialógico, su naturaleza relacional y comunitaria, donde la subjetividad es una construcción social, intersubjetivamente conformada por el discurso comunicativo. El juego de subjetividades, en un proceso dialógico, se convierte en un modo privilegiado de construir conocimiento (BOLÍVAR, 2002a, p. 4).

Pelas das considerações de Bolívar (2002a), entendemos que as narrativas dos egressos vão auxiliar a compreender o curso de Educação Física a partir de suas subjetividades, construindo conhecimento a partir dos diálogos. Assim, é importante apresentar os narradores da pesquisa, lembrando que “não são os fatos vividos, em si mesmos, que importam, mas a simbolização das narrativas (...)” (PASSEGGI, 2010, p. 119). É essa aventura através das narrativas que esta pesquisa vai de encontro! Aqui está um quadro (2) com os dados dos narradores:

Quadro 2 - Dados dos narradores da pesquisa.

Nome	Idade	Início e término da graduação	Data do convite	Data da entrega da escrita (auto)biográfica	Data e horário da entrevista	Duração da entrevista
Maria Consolação	47 anos	1991-1994	08/10/17	19/12/17	26/02/18-19:30h	58min
Uelder Tavares	34 anos	2002-2005	08/10/17	26/11/17	19/02/18-19:30h	29min
Karen Silva	37 anos	1997-2000	08/10/17	15/12/17	27/02/18-19:30h	45min
Miguel Marcelo	44 anos	1991-1996	19/02/18	Não realizou	28/02/18-18h	55min

Fonte: Diário de campo da pesquisa, 2018. *Idade dos egressos na data da entrevista.

2.1.1 Fernanda Gonçalves Silva – a pesquisadora egressa

Em 2005, ao ingressar no curso de Educação Física da UFG/RC, ao contrário de alguns colegas, tinha conhecimento do que seria um curso de licenciatura, o que foi destaque para a maioria das discussões na turma em relação à habilitação do curso e a formação que daríamos aos nossos alunos no ambiente escolar. Era uma guerra entre iniciação esportiva e alto rendimento, o que era adequado ou não para o ambiente escolar e o papel que educador físico poderia ter em outros espaços que não fossem a escola. No mais, eu pensava que a área de atuação profissional seria apenas na escola.

As aulas práticas não eram realizadas na UFG, então tínhamos que nos deslocar para o SESI ou para o Complexo Esportivo do Clube do Povo onde funciona ainda a Secretaria de Esportes e Lazer de Catalão. O laboratório de anatomia era pouco funcional, não tinha estrutura e materiais específicos da educação física e também foi pouco aproveitado pelos professores nas aulas de anatomia e biomecânica, então tínhamos dificuldades em relacionar as atividades físicas com o funcionamento do corpo. Alguns alunos se matricularam numa disciplina eletiva oferecida pelo curso de Ciências Biológicas para tentar amenizar essa dificuldade.

As atividades que não eram pedagógicas foram prejudicadas, ou pela falta de estrutura, ou pela falta de professores específicos, ou porque não atribuía tanta importância quanto às disciplinas voltadas para a licenciatura. Enfim, eu sabia pouco de muita coisa.

No decorrer do meu curso de graduação, pude perceber que a formação que a universidade me ofereceu não me preparou completamente para a atuação profissional, uma vez que as práticas no ambiente escolar como professora eram diferentes das vivências e experiências nos estágios e atividades de intervenção. Como estudantes de Educação Física, tínhamos o apoio dos professores da universidade e dos professores da escola e quando passei a ser professora regente, tive dificuldades em juntar a teoria e a prática nas aulas.

Os professores reforçavam para os alunos que o intuito era formar professores e não atletas e que as modalidades esportivas saberíamos ensinar mais do que “jogar”. Ao final do curso, realmente eu não sabia jogar basquete e nem os quatro estilos da natação, o que foi um desafio quando fui para o mercado de trabalho, pois os alunos precisavam de um exemplo de como realizar os movimentos de tais modalidades.

No ano que ingressei na Universidade (2005), teve uma mudança no currículo de anual para semestral e com isso, várias disciplinas tiveram sua carga horária reduzida e às

vezes temas importantes eram trabalhados de forma breve. Mas o que nosso curso tinha de melhor eram as experiências e vivências práticas no decorrer de toda a formação e não apenas nos estágios obrigatórios.

As intervenções marcantes foram no Abrigo do Idoso, através da disciplina eletiva “Práticas corporais na Terceira Idade”, e no Colégio Joaquim de Araújo, na disciplina “Estágio Supervisionado Obrigatório”, ambos na cidade de Catalão. No Abrigo do Idoso, além de ter a experiência com atividades direcionadas à melhor idade, percebemos outra área de atuação da Educação Física que é a da saúde e foi uma das poucas disciplinas que traziam as contribuições das práticas corporais em benefício da saúde, prevenção de doenças e melhoria da qualidade de vida. No Colégio Joaquim de Araújo foi a primeira experiência com alunos com deficiência, onde tivemos que adaptar as aulas para promover a inclusão, o que foi muito gratificante e enriquecedor.

Porém, nas vivências do estágio supervisionado, senti que os docentes do curso poderiam ter sido mais efetivos, tanto em relação à prática e a aplicação das teorias nas aulas, quanto ao auxílio em desenvolver os planejamentos. Outra dificuldade foi a resistência de algumas escolas em receber os alunos para o estágio e em várias aulas, ficávamos sozinhos na regência da turma.

Dificuldades foram surgindo, pois tive que trabalhar em uma academia e não tinha muita experiência e nem bagagem teórica, uma vez que o curso era de licenciatura e não oferecia disciplinas voltadas para a atuação em outras áreas, como academia, por exemplo. Mesmo em práticas que aprendi na graduação, a dificuldade me assombrava, pois sempre ouvia dos professores que não iríamos aprender a nadar, jogar futebol ou virar um ginasta e sim que iríamos aprender a ensinar tais modalidades. Então tive que, apesar de não saber nadar direito ou praticar alguns esportes, ensinar meus alunos. Mas, para meu objetivo inicial, que era atuar na escola, o curso foi essencial, pois era um curso que preparava para a docência.

Minha primeira experiência na escola foi como professora substituta de alguns professores, tanto na rede municipal, quanto a particular de ensino, onde pude colocar em prática os ensinamentos que aprendi na graduação e adquirir experiência. No final de 2009, recebi uma proposta de trabalhar em um projeto social como coordenadora pedagógica e professora de atletismo, natação, voleibol, handebol e dança e foi uma experiência gratificante, pois era oferecida uma formação para trabalhar com os alunos e com as modalidades esportivas. Em 2011, eu fui aprovada no concurso para professora da rede

municipal de ensino na cidade de Catalão-GO, onde estou atualmente. Assim, fui construindo minha identidade como professora!

2.1.2 Maria Consolação

Maria Consolação nasceu em Catalão-GO, mas já morou em outras cidades, inclusive fora do Brasil, e é professora de Educação Física na rede municipal de ensino, seguindo um pouco dos passos de sua mãe, que era professora. Sua família também é catalana, com exceção do pai que nasceu na Bahia. Durante a entrevista, a narradora se mostrou tímida e com certo receio sobre o que poderia narrar, mas aos poucos foi ficando mais à vontade.

Sobre seu percurso na escolarização, ela diz que sempre estudou em escola pública estadual, até terminar o ensino médio. Sempre dizia que gostava mais do ensino médio do que a universidade, pois na escola há uma proximidade maior dos professores e da direção com os alunos, bem como o diálogo e a valorização da opinião do aluno. Na universidade era nas palavras dela “cada um por si”.

Isso mostra que há uma mudança significativa do ensino fundamental e médio no sentido da aproximação da relação aluno-professor, o que causou desconforto no início do curso, que ainda assim foi proveitoso. Maria Consolação narra que ao entrar na universidade, não sabia muito bem o que ia acontecer, foi uma surpresa, mas que teve bons professores.

Um dos fatores que a ela diz ter sido motivo para a escolha em cursar Educação Física, era a prática de esportes desde criança. Ainda relata que a família não ficou surpresa com sua escolha, pois desde pequena corria e brincava na rua, inclusive acompanhando sua irmã mais velha. Como a sua irmã parte de um grupo de jovens, todo sábado à tarde e domingo de manhã, Maria Consolação ia com ela participar de recreações oferecidas pelo grupo e assim, começou a ver as disputas, as brincadeiras e foi interessando e partindo para essa área dos esportes. Essa irmã cursou o magistério e outra irmã fez na época o secretariado, cada uma trilhando os caminhos que tinham afinidade.

Algumas dificuldades foram surgindo para a Maria Consolação, como a falta de recursos financeiros, orientação e a reprovação no ensino médio. Infelizmente não conseguiu aprovação no primeiro vestibular, vindo a conseguir na segunda tentativa. Ela relata que teve dificuldades de aprendizagem em algumas disciplinas no ensino médio e que por falta de recursos financeiros e até mesmo de orientação, não pôde frequentar um cursinho preparatório para o vestibular, estudando então sem acompanhamento, trazendo a experiência de já ter feito um vestibular.

Quando chegou à universidade, não se sentiu muito acolhida e considerava a época da escola mais acolhedora e na faculdade não foi assim, tendo que descobrir muita coisa sozinha em meio a erros e acertos.

Na sua prática como docente, ocorreram alguns desafios com algumas modalidades que ela não tinha muita habilidade ou vivência. Em contrapartida, suas práticas, desde a época da infância, colaboraram para a atuação como professora, principalmente o fato de ter afinidade e habilidade com esportes e a ajuda dos professores da graduação. Atualmente, ela atribui maior experiência na área da Educação Física por ter buscado orientações além do curso, pois algumas modalidades só foram possíveis de ser trabalhadas na escola por esse motivo.

2.1.3 Uelder Tavares

Uelder nasceu na cidade de Guarda-Mor, em Minas Gerais, onde morou até os dezesseis anos, quando mudou para Catalão Goiás no ano de 2000 para terminar o ensino médio e tentar o vestibular. No ano de 2002, iniciou o curso de graduação em Educação Física na UFG/RC, concluindo em 2005. A partir dessa época está trabalhando na área com professor.

Por ser de uma cidade pequena, Uelder conta que desde a pré-escola (atual educação infantil), até o ensino médio, eram os mesmos colegas e foi bem legal estudar juntos por este período. O que mais marcou seu processo de escolarização foi a qualidade de ensino, onde a escola e os professores eram focados, que teve como consequência, a formação de alunos exemplares. Uma das diferenças em relação à escola no período que estudou e nos dias atuais, Uelder destaca, que é o respeito ao professor, a autoridade que o professor tinha em sala de aula, o comportamento dos alunos e o foco no ensino e que hoje o professor não é muito respeitado, o que pode até prejudicar na qualidade do ensino.

Desde criança, Uelder ia para Catalão passear na casa de sua tia e sua avó. Com isso, foi crescendo o interesse de se mudar para a cidade, o que aconteceu no segundo ano do ensino médio, quando se mudou para estudar. Um dos motivos para a mudança de cidade foi a oportunidade de jogar futebol no time local, já que tinha sido aprovado em seleções de alguns clubes e teria mais oportunidade de seguir essa carreira.

Ao chegar à outra escola, ele narra que não sentiu diferença em relação ao ensino na época. O que achou diferente foi a questão das amizades e por ser uma cidade maior, acontece

certo distanciamento entre os colegas e, ainda, por ser tímido, dificultou em fazer amizades, o que levou Uelder a querer até desistir e voltar pra cidade natal.

Desde pequeno, tinha afinidade com os esportes, jogava futebol em uma escolinha especializada, sempre foi destaque e por isso era chamado para jogar em outros times. Nas aulas de educação física na escola, era sempre o braço direito do professor. O professor o chamava para organizar eventos da escola e assim foi desenvolvendo o gosto pela Educação Física, embora também pensasse em fazer administração. Como estava na cidade de Catalão, optou por fazer o curso de Educação Física.

Antes de ingressar no curso, Uelder conta que não tinha idéia de que seria professor, pensava em se formar e seguir carreira como jogador de futebol profissional, mas com o passar do tempo foi se adaptando.

2.1.4 Karen Silva

Karen é natural de Catalão Goiás, egressa da turma de 1997 e atualmente é proprietária de uma academia na cidade. Seu percurso no ensino fundamental e médio foi numa instituição particular de ensino e seus pais eram preocupados em proporcionar estudo de qualidade para os filhos.

Sobre o ensino fundamental e médio, Karen fala que teve um embasamento muito bom em termos de estrutura e em nível de aprendizagem. Vê, hoje, a escola particular até o ensino médio como o caminho correto e, já em relação à universidade, seria a federal.

Sempre gostou de esportes, porém teve restrições nas práticas esportivas devido a problemas de saúde, principalmente na adolescência, o que a limitava bastante. Esse problema de saúde era uma limitação dos movimentos do pulso que dificultava até na escrita. Com a prescrição dos médicos para fisioterapia e prática de atividades físicas para a melhoria dessa condição, Karen teve motivação maior para escolher o curso de Educação Física, ao prestar vestibular. Outro motivo foi a afinidade pela área das ciências biológicas e o curso era o que mais se aproximava em sua visão.

Por causa dessas limitações, Karen disse que sentiu na pele como as atividades físicas fazem diferença na vida de uma pessoa e essa diferença é o que tenta proporcionar com as atividades oferecidas em sua academia.

2.1.5 Miguel Marcelo

Miguel Marcelo faz parte de uma família tradicional da cidade, descendente de portugueses e atua como coordenador em uma escola da rede municipal de ensino e também como advogado, profissão que escolheu anos depois de se formar em Educação Física.

O seu bisavô veio de Portugal para uma cidade em Minas Gerais e depois foi com a esposa para a Cidade de Catalão-GO. Os pais de Miguel nasceram em Catalão e são pecuaristas. A família Tavares é bastante conhecida na região, inclusive um tio dele foi jogador de futebol profissional, conhecido como Ronaldo pato.

No período que cursava o ensino fundamental, Miguel recorda que os alunos tinham mais respeito com os professores, tinha mais educação em casa e cultura e, hoje, os pais não têm tanto controle sobre os filhos, que levam para a escola o que vive em casa e se os pais não têm controle sobre os filhos, a escola não terá também. Ainda relata que nessa época os alunos eram reprovados e que atualmente, quase que a escola tem que aprovar o aluno. No mais, o ensino fundamental foi ótimo para ele.

Miguel cursou o ensino médio numa escola que ele considerava boa, o Colégio Anglo, mas gostou mais do ensino fundamental, onde os alunos eram mais amigos dos professores e no ensino médio já não tinham esse contato, pois eram agora adolescentes, o que gerava o distanciamento. Também relata que, por ser uma escola de elite na época, sentia que havia tratamento diferenciado com alguns alunos.

Miguel escolheu o curso de Educação Física pela afinidade com os esportes e sentia uma expectativa sobre o curso e sobre conhecer pessoas novas. Miguel conta ainda que trancou a matrícula por um período de seis meses para tentar o vestibular para Medicina, que era o sonho de sua mãe, ter um filho médico, mas como não foi aprovado, retornou e terminou o curso.

No ano de 2003, Miguel foi aprovado no concurso para professor da rede Municipal de ensino, onde trabalha atualmente, paralelamente á advocacia.

2.2 Considerações parciais

Falar sobre si é recontar e reconstruir sua própria história, trazendo novos significados com o olhar do presente. É no processo da biografização, que na pesquisa (auto)biográfica, “consistiria então em perceber a relação singular que o indivíduo mantém, pela sua atividade biográfica, com o mundo histórico e social e em estudar as formas construídas que ele dá à

sua experiência” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.524). Assim, os entrevistados, no processo de narrar-se, produzem sua própria biografia, com sentidos individuais.

Para Ferrarotti (2014), as biografias tornam os indivíduos mediadores da história ao se apropriarem dela, reinventando-a, analisando assim a própria subjetividade, refletindo o social. A experiência dos colaboradores da pesquisa enriquece a história, trazendo elementos para a reflexão tanto do curso de Educação Física quanto da sociedade. Dessa forma, segundo o autor “uma narrativa biográfica é inteiramente distinta de um registro de ocorrência; é uma ação social através da qual um indivíduo retotaliza sinteticamente sua vida (a biografia) e a interação social em curso (a entrevista) por meio de uma narrativa” (FERRAROTTI, 2014, p. 73).

CAPÍTULO III

No terceiro capítulo, o objetivo é mostrar como se constitui o curso de Educação Física na perspectiva dos egressos, através das narrativas orais e escritas, analisando as entrevistas e fazendo um diálogo com os referenciais teóricos. Ao contar a história da organização institucional, ou seja, o curso de Educação Física da UFG/RC, os egressos reafirmam sua identidade, dando sentido às versões de si na instituição.

3.1 O curso de Educação Física na perspectiva dos egressos

A partir das narrativas, conseguimos identificar categorias/temas de análise para compreender o curso de Educação Física na perspectiva de seus egressos e para isso o método biográfico narrativo e a análise narrativa proposta por Bolívar (2001) contribui para a análise onde “el tiempo subjetivo del narrador deve ser reconstruído por el biógrafo em um tiempo objetivo” (BOLÍVAR, DOMINGUEZ E FERNANDEZ, 2001, p. 194). Ainda para os autores,

Se parte de los materiales recogidos, que son microanalíticamente (línea a línea) trabajados para generar las categorías de los datos. Determinados dispositivos y técnicas permiten realizar el proceso de codificación, integrándolos em categorías que relacionen la estructura (fenómenos o hechos) com el proceso (secuencias de acciones). Las relaciones establecidas em matrices y las comparaciones permitirán que la teoría sea generada de los datos. Teorizar a partir de los datos, puesto que o hablan por ellos mismos, y hacer investigación social son dos partes de um mismo proceso. Las interpretaciones deben incluir las perspectivas y voces de la gente que es objeto de estudio (BOLÍVAR, DOMINGUEZ E FERNANDEZ, 2001, p. 203).

Nesse sentido, as narrativas, escritas ou orais, dos egressos, constituem o curso de Educação Física da UFG/RC, que dão um novo sentido para a história dessa organização institucional, ao mesmo tempo em que reafirmam sua identidade enquanto participantes através do processo de biografização. Através das narrativas, identificamos categorias para análise em temáticas que apareceram nos relatos dos egressos, das quais podemos destacar: a escolha pela Educação Física e suas expectativas sobre o curso; os desafios e deficiências do curso de graduação; a identidade do profissional da Educação Física; a valorização e desvalorização do profissional de Educação Física; o curso de Educação Física e o mercado de trabalho; a questão licenciatura e bacharelado e o curso de Educação Física na perspectiva

dos narradores. As discussões serão permeadas por essas categorias apresentadas nas narrativas dos egressos e nas fontes documentais a partir da análise narrativa.

3.1.1 Escolha pela Educação Física e suas expectativas sobre o curso

A escolha pelo curso de graduação em Educação Física para os narradores se deu por afinidades com os esportes, o que de certa forma gerou uma expectativa em relação a formação que o curso iria oferecer. Maria Consolação e o Uelder, além dessa afinidade, eram jogadores amadores em equipes de handebol, futsal, voleibol e futebol, no caso do Uelder, que até foi aprovado em testes de times de futebol de algumas cidades.

Na minha vida na infância e adolescência eu acabei fazendo atividades físicas na escola fora da escola que me ajudaram a direcionar para o lado da educação física, apesar de quando eu estava terminando o ensino médio, não tinha o curso de Educação Física em catalão ainda. Acho que no ano seguinte veio, em 1990 (MARIA CONSOLAÇÃO, 2018, p.02).

Outra justificativa para a escolha é a participação nas aulas de educação física na vida escolar como podemos destacar na narrativa do Uelder:

(...) nas aulas de educação física, eu era o braço direito do professor. O professor sempre me chamava e em tudo eu estava, fazia, organizava os eventos da escola, em tudo eu estava sempre presente, então sempre tive esse gosto pela educação física, mas também pensava em fazer administração, mas, só que como eu estava aqui (Catalão), eu optei pela educação física. (Uelder, 2018, p.04).

O que influenciou a Karen na escolha do curso, além da afinidade pelos esportes, foi descobrir uma doença que afetou seu punho. Nisso, os médicos solicitaram fisioterapia e prática de atividades físicas, fazendo com que sua escolha fosse realmente para o curso de Educação Física, onde também teria uma aproximação com as áreas biológicas que gostava no ensino médio, visando a busca por uma profissão. Já Miguel com tanta aptidão para os esportes, fez três testes vocacionais que indicavam a área de direito (que ele acabou cursando posteriormente), mas mesmo assim, optou pela educação física, como traz na sua narrativa: “na época, era uma coisa que nunca me passou pela cabeça (fazer o curso de Direito), e como tinha essa aptidão com esporte, eu falei: Eu vou fazer Educação Física” (MIGUEL, 2018).

Sobre o curso oferecido pela UFG/RC ser de licenciatura, os egressos tinham esse conhecimento, mas não tinham a compreensão de que era voltado para a docência, principalmente em ambientes escolares. O Uelder, por exemplo, não tinha essa imagem de

que seria professor, e sim que seria um preparador físico ou jogador profissional. Em sua narrativa ele deixa isso claro:

Eu pensava que eu ia trabalhar mais ligado ao futebol profissional, só minha mentalidade era essa, trabalhar, formar e ir para o futebol profissional, mas assim, depois que a gente forma que muitas coisas foram de encaixando de forma diferente (UELDER, 2018, p.04).

Miguel também não tinha clareza na época do que era licenciatura e nem bacharelado, achava que tinha que dar aulas. Em relação às expectativas sobre o curso relata que

Aquele sentimento de ver o que era o curso, de conhecer as pessoas, de modo geral, foi correspondida a expectativa que eu tinha com relação ao curso. Eu tive professores muito bons. Eu tive a sorte, eu falo que é sorte porque é um cara que me ajudou muito, o Marco Túlio, ele estava licenciado da universidade, depois ele retornou e eu terminei o meu curso com ele. A doutora Elaine era professora de Anatomia, tinha o André Jabur, que era um excelente professor também. Eu tive professores bons, na verdade, eu acho que a universidade, qualquer universidade, qualquer ensino, ele não te dá nada pronto. Ele te mostra o que você tem que olhar, tem que aprimorar, buscar. É assim que eu vejo até hoje. E foi isso que (o curso) me deu. Eu acho que correspondeu a essa expectativa que eu tinha do ensino, sabe? (MIGUEL, 2018, p.07-08).

Percebemos que a escolha e as expectativas que os narradores relataram sobre o curso e a ansiedade por novas experiências tiveram um grande significado na vida deles, pois era um caminho para a profissão, escolhido através de suas afinidades com os esportes, juntamente com o apoio da família que incentivava o caminho acadêmico.

Dessa maneira, os narradores construíram uma visão do que seria o curso de Educação Física baseado nas experiências positivas com os esportes que praticavam e tiveram contato desde a infância, construindo símbolos e significados prévios sobre o curso.

3.1.2 Os desafios e deficiências do curso de graduação

Junto com as expectativas sobre como seria o curso, vieram também os desafios. Maria Consolação disse que “caiu de paraquedas”, pois não sabia muito bem o que seria a graduação e foi uma surpresa. Havia certas dificuldades de transporte para chegar até a universidade, o que acarretava em situações divertidas, mesmo com dificuldades. Em sua narrativa, disse que gostava mais de como era no ensino médio

(...) eu acho que a faculdade tinha muita surpresa assim, por exemplo, nas escolas que tem o diretor que entra na sala, que conversa; professores que te ouvem. Parece que na faculdade é muito “cada um por si” e eu vejo assim,

pelo menos na minha época, a gente precisava falar a linguagem do professor. Assim, nossa opinião não tinha muita importância não, eu acho que a gente fazia sempre os trabalhos como o professor gosta que escreva (MARIA CONSOLAÇÃO, 2018, p.02).

A passagem do ensino médio para a graduação exigiu certa ruptura com a relação mais próxima que os alunos tinham com os professores e com a escola no período do ensino fundamental e médio. Essa nova experiência na universidade exigia maior independência, o que foi um desafio para os narradores. Ainda para Maria Consolação (2018), “(...) foi difícil fazer na época minha monografia. Eu achei complicado, porque, engraçado, eu não tive orientador e até pensei em deixar para o ano seguinte, mas naquela época eles aceitaram eu fazer sozinha e aí eu fiz sozinha”. Não ficou claro em sua narrativa o motivo pelo qual o curso permitiu escrever o trabalho final de curso sem orientador.

Outro desafio no curso de graduação era a falta de estrutura física na universidade e a escassez de material na biblioteca relacionada à Educação Física.

A gente não tinha piscina, não tinha quadra coberta, não tinha pista de atletismo, não tinha nada! Nossa... na biblioteca a gente não achava material, sabe? Na época, não tinha computador, não tinha a tecnologia que temos hoje, então nós ficávamos muito restritos. A gente usava a estrutura do SESI na época e foi muito limitado com relação a isso. Mas, assim, as vivências que eu tive as pessoas com quem eu convivi, os professores que eu tive também, ajudaram muito, sabe? Ajudaram muito. Tinha muito professor de fora (KAREN, 2018, p.09).

Nós tínhamos nosso quadro, quadro-negro normal e salas sem forro. Eu estudei nos prédios antigos da UFG que ainda faziam divisa com a Escola Parque e já tinham o quartel, agora eu não me lembro, mas acho que já tinha alguma coisa assim... Hoje é completamente diferente. Por exemplo, aula de natação, nós tínhamos que ir até ao SESI, não sei se ainda faz isso, eu acho que não, que parece que tem piscina aqui e tudo, mas não tinha muita estrutura física não (MIGUEL, 2018, p.24).

O deslocamento dos alunos para outro espaço causou certo transtorno, uma vez que o local das aulas práticas, o SESI é um clube que também era utilizado pelos associados e comunidade, tornando o tempo que a universidade tinha menor do que precisava. Neste caso, há uma contradição em trazer o curso de Educação Física sem ter estrutura adequada e disponível na UFG, o que se tornou um desafio por vários anos, tanto para os discentes, quanto para os docentes.

Karen ainda relata que a partir do momento que ela construiu uma piscina em sua residência, sua turma começou a realizar atividades lá com a supervisão de uma professora, o que contribuiu como um espaço a mais além do SESI.

Com o espaço (piscina própria), facilitou demais, porque o campus não tinha esse espaço para oferecer e tudo no SESI era muito dificultado. Para eles fornecerem o espaço para a gente, nossa, era muito difícil. Eram as nossas aulas e só, não tinha outros horários disponíveis para a gente estar utilizando. Então, assim, nossas vivências práticas eram muito restritas, né? Eram as nossas aulas e só (KAREN, 2018, p. 11).

Embora esses desafios fossem grandes, não foi um fator que desmotivasse o curso como um todo. Os professores proporcionaram, dentro das limitações da universidade, uma formação que fosse adequada.

A maioria dos professores me ajudou muito, mas também tive momentos de disciplinas que hoje eu não consigo trabalhar na escola se eu não buscar orientação fora. Eu acho que a gente fez por fazer algumas disciplinas. Por exemplo, não querendo falar mal, mas dança eu não aprendi nada e a própria natação não aprendi. A parte de recreação e de esporte foi muito proveitosa pra mim, talvez porque era a área que eu estava me identificando mais (MARIA CONSOLAÇÃO, 2018, 02).

Em algumas disciplinas, os narradores declararam não ter formação satisfatória, o que em sua prática, na área profissional, tiveram que buscar conhecimentos em outros espaços por conta própria, como se pode ver nas falas a seguir:

Na minha época era anual (o curso), hoje é semestral, mas eu acho que como eu disse, por ser um curso com um leque muito grande, talvez os professores devessem direcionar mais, dar mais opções para a gente, que a gente poderia ter participado, ter aprimorado. Eu não sei se foi falha minha, mas na época acho que isso faltou (MARIA CONSOLAÇÃO, 2018, p.02).

No primeiro momento, foi mais no primeiro ano do curso mesmo, em relação à natação que era a questão de decorar livro, técnica, decorar aquilo ali. Eu não via necessidade de você decorar aquilo para fazer uma prova, você teria que ter um entendimento daquilo e não fazer uma prova escrita, o que estava na apostila até as vírgulas. Aquilo ali para mim não tinha um critério, não era um critério correto de se fazer e então foi o momento deixou um pouco a desejar, causou um pensamento: será que isso é ser um professor? Será que isso aqui é o certo de aprender a ser professor? (UELDER, 2018, p. 07).

Bom, eu era a caçulinha da turma né, eu entrei muito nova na faculdade, eu tinha dezesseis anos minha turma era uma turma muito heterogênea. Tinha muita gente de fora, muita gente mais velha, gente que já tinha outras graduações, foi assim, foi uma experiência boa sabe? Com relação à universidade, deixou bastante a desejar. Eu esperava mais (KAREN, 2018, p.09)

Podemos perceber que em algumas disciplinas, os egressos questionaram a identidade de professor, quanto à do curso, como de sua própria visão do que é ser professor e que não basta decorar livros e regras para fazer uma prova e sim o entendimento do tema e como

passar esse conhecimento para o aluno no ambiente escolar, na realidade do mercado de trabalho. Qual seria a melhor forma de avaliação dentro do curso? Como avaliar um professor em formação? Tudo isso dependia da forma como os docentes formavam os alunos e da experiência que eles tiveram em sua própria formação.

Karen apresenta em sua narrativa que foi se enquadrando no curso da forma que era possível e a partir de atividades realizadas com uma professora que tinha chegado de outra cidade, teve outra experiência que ajudou a trilhar os caminhos dentro da Educação Física.

Então eu fui me enquadrando da forma que dava, por exemplo, a Roseane Patrícia (professora), na época, ela tinha acabado de vir para Catalão. Eu falo que ela me ajudou muito na época, eu acho que ela estava em Uberlândia, então, ela trazia muito material para mim, muito! E, na época, eu já tinha muita curiosidade pela área aquática, era uma coisa me chamava muito a atenção. Natação, hidroginástica, foi algo, assim, que me chamou mais a atenção desde o princípio. Então, assim, ela foi me instigando mais e algumas disciplinas que a gente teve no terceiro ano, que era Oficina Experimental. Foi na época que eu construí uma piscina, aí a gente teve a oportunidade de oferecer a Oficina Experimental na minha piscina. A gente fez um grupo e a Roseane Patrícia era nossa orientadora, era ela que acompanhava esse grupo, aí ela ajudava a gente com a parte de material e dinâmica, a questão da estrutura de aula ela sempre orientava, acompanhava. E dava esse embasamento teórico-prático da hidroginástica, que era uma disciplina que a gente não tinha, porque o curso era mais votado para a Licenciatura. Foram três meses, assim, excelentes, a gente conseguiu professores de Uberlândia que vieram dar cursos, oficinas para a gente, lá na minha piscina. (KAREN, 2018, p. 10).

De acordo com o PPC do curso, as disciplinas oferecidas entre 1990 e 2004 em regime anual, no 4º ano do eram: Administração da Educação Física e do Desporto, Didática e Prática de Ensino em Ed. Física, Aprofundamento I – Escola, Aprofundamento II – Saúde, Aprofundamento III – Desporto e Aprofundamento IV – Lazer. No aprofundamento, que é a disciplina em que os alunos escolhiam uma das linhas para o trabalho final de curso, apresentam-se quatro temáticas que foram desenvolvidas em disciplinas no decorrer do curso, porém, não foram contempladas práticas suficientes para os egressos. Dessa forma, podemos dizer que o curso não conseguiu apresentar completamente a gama de possibilidades que a área da educação física possuía.

Esses desafios se deram como resultado de uma opção política que por muitos anos, se preocupou pouco com a estrutura do curso de Educação Física e também com a formação que o curso poderia oferecer. Contudo, as dificuldades não atrapalharam o desejo do curso (professores, alunos e demais funcionários) em dar o seu melhor dentro da sua capacidade.

3.1.3 A identidade de profissional da Educação Física

No decorrer da graduação, os narradores tiveram experiências que foram direcionando, de acordo com suas afinidades, o caminho que iriam seguir no vasto campo das atividades corporais. A partir destas escolhas a identidade como profissional da Educação Física foi se formando. Uma das identidades apresentada pelos egressos de forma muito forte, é a docência.

Maria Consolação atua como professora na rede municipal de ensino e também é voluntária numa associação esportiva e ao ser indagado se era professora ou treinadora, ela disse que era professora e que não gostava do termo treinadora.

Na associação a gente sempre usa professora/técnica, porque a gente prepara também para competições, apesar de ser de rendimento e ter treinos duas vezes por semana. Então, eu não gosto da palavra treinadora também, porque parece que é igual educador físico, eu não gosto desse termo eu gosto de professora. Eu acho que denigre a imagem da gente ou parece que é uma pessoa que não é formada, essa é a idéia que eu tenho. A gente usa técnica esportiva, mas nem todos os técnicos que trabalham nessa associação são formados em educação física (MARIA CONSOLAÇÃO, 2018, p. 03).

Na associação, que era um espaço diferente da instituição escolar, se considerava professora/técnica. Em suas palavras, a narradora explica a diferença entre professora da escola e professora técnica:

É a forma de conduzir as aulas. Na escola eu não cobro tanto, por exemplo, a perfeição. Na escola eu viso mais a participação dos alunos, você não cobra gesto técnico. Gesto técnico, sempre digo para eles, é uma forma de avaliar porque a gente tem que avaliar, a gente às vezes tem um trabalhinho, agora estou fazendo um trabalho sobre jogos e brincadeira antigas e tem as partes das aulas que a gente por exemplo, frequência, o compromisso, o dia de levar o material, a participação e o comportamento dentro das aulas (MARIA CONSOLAÇÃO, 2018, p. 03).

A identidade docente ainda está muito ligada ao ambiente formal da escola e isso justifica o uso da nomenclatura professora/técnica em outro espaço, principalmente o espaço em que acontece a prática esportiva voltada para competição e alto rendimento.

Para o Uelder, o curso contribuiu para sua formação como professor, onde também construiu sua identidade como profissional.

Bom, o curso em si foi muito bom em relação a ser professor, o que é ser professor, como lidar no mundo do ensino, mas só que também tem os pontos fracos. Muita gente saiu daqui meio que perdido. Saí meio que perdido em relação que, ao mesmo tempo em que pensa que sabe o que é ser professor, quando chega lá no chão da escola, do emprego, a gente para e

pensa: mas será que é isso mesmo? Será que eu estou preparado? (UELDER, 2018, p. 06).

Essa insegurança em estar na escola é a distância entre a teoria e a prática, em saber se a formação da graduação preparou para lidar com os desafios que existem no “chão da escola” como o Uelder disse. É a relação entre o que se espera do curso e o que o curso espera dos egressos. Dessa forma, os egressos construíram, através da biografização, o curso como conhecemos e não há uma organização institucional que exista por si só, ou seja, ela se constitui pelos diversos atores participantes no decorrer de sua história

Para Karen, a escolha pelo curso de Educação Física era para ser professora, mas teve experiências marcantes na escola que fizeram repensar sua área de atuação.

A princípio, a visão que eu tinha do curso, sabia que era Licenciatura. Ali pelo terceiro ano que na época era anual ainda, quando as disciplinas tinham enfoque, assim, mais escolar, que a gente foi tendo as vivências nas escolas, nas vivências práticas, que eu fui mudando meu direcionamento. Eu me lembro de que tive meu primeiro estágio, que foi aquele estágio obrigatório que a gente faz, eu me lembro de que eu fiz no Instituto (o Instituto de Educação Matilde Margon Vaz), eu acho que são três ou quatro meses de estágio obrigatório. Foi quando eu decidi que eu não queria atuar em escola. Até então, meu foco era aquilo ali, mas foi onde eu decidi que não queria atuar em escola. Eu tive essa vivência, e eu vi que não era bem ali que eu queria atuar, que eu queria ensinar, eu queria ser professora, mas não era bem ali, não era ali na quadra, não era ali na escola, na Escola Municipal, eu queria outro direcionamento, eu queria me encaixar em outro lugar que não era ali (KAREN, 2018, p. 06).

A justificativa para a não atuação nas escolas foi a falta de organização e estrutura da escola, a falta de respeito e falta de afinidade com a realidade da instituição.

A questão da violência, do desrespeito das crianças para com a gente, a quadra não ser dentro da escola, sabe, a gente não tinha aquele respeito. Na escola que tem a quadra dentro, ainda tem a coordenadora, tem o diretor. Na escola que vivenciei não, ela é separada, a quadra era fora, então, tipo assim, eram os professores e os alunos, você tinha que ter o domínio de tudo e era muito largado, era muito jogado, eu senti que não era aquilo que eu queria para mim. Não era uma coisa que me chamou atenção, não sei (KAREN, 2018, p. 06).

Assim, a partir de experiências negativas com a escola e de novas práticas com a hidroginástica, Karen foi encontrando uma docência paralela dentro do curso de Educação Física que não precisava necessariamente ser uma docência no ambiente escolar. Após construir uma piscina e posteriormente uma academia, conseguiu ser professora em outro espaço.

Eu atuo mais na área aquática. Sempre gostei mais dessa área, já atuei na área *fitness*, musculação, mas a área aquática é a que sempre gostei mais, sempre direcionei mais. A gente não ensina só a nadar, a gente não ensina só natação por si só, a gente cria um cidadão, a gente está ali para instruir, a gente está ali para socializar, a gente está ali para direcionar, e a gente acaba que cria um elo. Então, assim, eu sou uma tia eterna (risos). Eu tenho alunos que fizeram natação pequenos – porque a academia já tem 18 anos, que hoje estão na musculação, que falam assim: “ah, foi a minha primeira professora de natação!” Então você cria um afeto, você tem aquela coisa: eu sou professora! Quando tem um questionário, alguma coisa, qual a sua profissão? Professora! Com maior orgulho. Tem gente que fala: “Você é empresária!”, não! A minha profissão é professora com maior orgulho, maior orgulho de falar (KAREN, 2018, p.17).

A identidade de professora acontece pela proximidade com os alunos, a afetividade, a formação não apenas de um atleta, e sim de um cidadão, ensinando inclusive valores para se viver em sociedade. A satisfação profissional não se separa do pessoal, o que reafirma sua identidade como docente.

Eu falo que hoje eu estou muito além do que eu esperava na minha vida, muito além, muito. Muito, muito além. Eu acho que eu tenho muito orgulho de ser hoje o que eu sou, de cuidar, de poder cuidar, de tanta gente, sabe? Desde os bebês aos, aos velhinhos, sabe? E é muito gratificante. A minha profissão é muito gratificante. Hoje, eu não tenho minhas turmas, eu não sou professora efetiva lá dentro da academia, dou aula quando precisa, às vezes é necessário. Estou lá para suprir qualquer necessidade que a academia tem. Mas, assim, todos os alunos que tem lá dentro da academia são alunos meus. Eu sinto como meus, então, assim, eu acolho eles para mim. E qualquer problema que tenha lá na academia, para mim, é um problema muito grande, então eu tenho muito amor por aquilo ali. E cada bebezinho que entra ali, que se desenvolve, e cada pai e cada momento diferenciado que a gente tem, faço tudo com muito gosto, cada evento que a gente faz, cada coisa diferente, sabe? É muito gratificante. Eu falo que sou muito privilegiada em poder atuar no que eu gosto, e ser feliz, eu acho que eu sou muito feliz, apesar das dificuldades (KAREN, 2018, p.19).

No caso do Miguel, sua identidade não esteve marcada na docência, não se considera efetivamente como um professor, como mostra sua narrativa:

Minha visão nunca foi uma visão, focada na didática da escola. Eu sempre me considerei mais um treinador do que um professor. A forma como eu, inclusive era até uma coisa nata em mim, fugia completamente da didática que eu aprendi dentro da universidade. E a prática foi me moldando, eu tenho um método totalmente particular de dar aula, que eu chamo de arbitragem educativa. Eu ensino regras, ensino os fundamentos, apitando (MIGUEL, 2018, p.06).

Em sua atuação no ambiente escolar, Miguel dava preferência ao treinamento esportivo e não às práticas de iniciação científica proposta no curso de graduação.

Nunca pensei em sala de aula. Eu sempre pensei na quadra e sempre pensei como treinador. Sempre. Essa foi uma das minhas decepções com escola. Porque, embora eu tenha tido um relativo sucesso onde eu passei, nunca foi do jeito, exatamente do jeito que eu gostaria que fosse. Eu até consegui por um tempo ser exatamente como eu queria que fosse. Ela (Fernanda) ainda estudava, não chegou a ser minha aluna, é bem mais nova que eu, eu estou com 45 anos, mas no Pontal Norte, quando eu fui para lá, em 2004, eu consegui fazer um treinamento. Eu consegui montar uma equipe (MIGUEL, 2018, p. 07).

Mesmo ensinando os alunos, não se considerava um professor devido ao seu método particular de treinamento, pois priorizava o alto rendimento, as competições e em montar equipes esportivas. Para ele, esta forma de atuação não era cabível dentro da docência, pois “sempre via a coisa como rendimento” (MIGUEL, 2018, p. 26).

A Educação Física historicamente foi mudando sua identidade que inicialmente era uma prática militar de educação dos corpos, depois a área da docência, da saúde, do lazer, dentre outras. Essas divergências na identidade docente dos egressos se justificam em parte pela localização da área acadêmica e profissional que o curso estava enquadrado em seu projeto político-pedagógico, onde se situa desde sua criação na área das ciências humanas e sociais em contraposição à tradição das demais universidades em situar a formação na área de ciências biológicas e/ou ciências da saúde, o que foi um marco na orientação curricular no país (PPC, 2004). Sendo assim, os narradores de identificaram ou não com a docência proposta no currículo, ou adequaram sua identidade a outros espaços.

Uma característica comum nos narradores foi terem desenvolvido um método próprio baseado no esporte/treinamento. No caso do Miguel, com o que ele denomina de arbitragem educativa, a Maria Consolação em atuar como professora/técnica numa associação e handebol, Uelder em trabalhar por um período como preparador físico e Karen que encontrou uma docência alternativa frente a sua atuação na academia e não na escola. Isso mostra que, mesmo o curso não garantindo certas práticas, os narradores, a partir de suas habilidades, foram construindo sua identidade profissional frente às demandas do mercado de trabalho e anseios individuais. Para Bolívar (2012b, p. 114-115), “pode ser, justamente nesse sentido, um modo alternativo de formação na medida em que rompe decididamente com a transferência”, ou seja, as reflexões sobre sua maneira de ensinar promove a (auto)formação.

3.1.4 A valorização e desvalorização do profissional de Educação Física

Além das discussões sobre a identidade do curso de Educação Física da UFG/RC e da identidade profissional dos egressos, surgiu um desafio em relação ao mercado de trabalho: a valorização e desvalorização do profissional de Educação Física. A desvalorização se iniciava ainda durante a graduação, onde os discentes sofriam discriminação de pessoas de outros cursos. Maria Consolação narra que os alunos da Educação Física eram discriminados pelo fato de acharem que “só jogavam bola, só brincavam” devido às atividades práticas que o curso exigia (MARIA CONSOLAÇÃO, 2018, p. 05).

Ainda para Maria Consolação, o professor de Educação Física não é valorizado em termos salariais.

Eu acho que a gente devia ser melhor remunerado, não só o professor de educação física. Eu acho que a gente se esforça muito e deveria ser mais valorizado, mas é uma questão cultural, o Brasil é difícil, mas por outro lado eu desenvolvo esse trabalho (associação esportiva) voluntariamente também, por amor mesmo. Quando parte para o lado de trabalho, eu acho que a gente ganha pouco pelo que faz, ainda mais nos dias de hoje que apesar de não ser a função, temos que ensinar coisas básicas de educação mesmo (MARIA CONSOLAÇÃO, 2018, p. 06).

Uelder (2018) relata sobre o plano de carreira da Prefeitura Municipal de Catalão para os professores, onde acredita ser razoável. O maior benefício é para quem é professor PD-5 (professor com especialização) e para outras titulações, como mestrado e doutorado, o salário aumenta 5% para cada título, o que é uma desvalorização com o profissional que busca aprimorar seus conhecimentos. A rede municipal conta com uma associação de professores, na qual o Uelder faz parte, que está lutando em benefício da melhoria das condições de trabalho, remuneração e valorização dos docentes.

Na narrativa do Miguel a questão da desvalorização desmotiva os profissionais da Educação Física e também demonstra a diferença da rede particular de ensino com a rede pública.

Olha, é uma das coisas que mais frustram um professor de Educação Física, e eu trabalhei em escola particular e não tem diferença, Fernanda. As diferenças são apenas as condições de trabalho. A escola particular te dá mais condições de trabalho. Mas com relação a tratamento é a mesma coisa: professor de Educação Física é o último a ser convidado para as reuniões, é o último que é perguntado sobre alguma direção da escola, todo lugar que eu fui, e eu passei por muita escola dentro de Catalão (Pontal Norte, Secretaria de Esportes, Arminda Rosa, Bárbara Sucena, Francisco Clementino Dantas, Nilda Margom, CAIC), e é sempre assim (MIGUEL, 2018, p.21).

O professor de Educação Física, como aponta Miguel (2018), é lembrado quando a escola precisa de alguém para ensaiar quadrilha, para vestir de palhaço, para fazer graça. E em relação a outras disciplinas, a Educação Física nas escolas não tem muita relevância,

O problema da escola é ela não pensar que o esporte tem tanta importância quanto a Matemática, quanto o Português. Eu acho que o problema da escola é esse. E é diferente o pensamento lá fora. Você vê que ganham bolsa nas universidades aqueles que saem atletas da escola. É por isso que, chega numa Olimpíada, é aquele tanto de medalhas. Então, assim, lá fora, eles dão valor no esporte, eles dão valor na Educação Física. Aqui no Brasil, nas escolas, não (MIGUEL, 2018, p. 28).

A Educação Física não é valorizada nem nas relações sociais que estabelece a partir de sua prática com os alunos e tampouco em termos de estrutura material e física nos ambientes escolares.

E, dentro da escola, a minha frustração foi ver que não davam importância para a prática da Educação Física. Nós não tínhamos materiais, nós não tínhamos quadra, nós não tínhamos horários, nós tínhamos que trabalhar com turmas mistas, não podíamos disputar nada, que para arrumar um ônibus para levar os meninos para uma competição era quase que ter que implorar e chorar para ver se isso acontecia. Por causa disso, minha frustração em escola era essa. E, assim, passando até um pouco agora da visão de Direito (o narrador fez uma segunda graduação em Direito) para dentro da escola e para dentro da Educação Física, é um fator, assim, que é extremamente importante você investir nisso dentro da escola. Tira a ociosidade, desperta sentimentos que vão ajudar muito a pessoa, como companheirismo, integrar um com o outro pela amizade. Você vê muito lá no Pontal (bairro onde trabalha), aquela turma que joga, onde é que eles ficam na parte da manhã? Você pode chegar e ver todos eles reunidos ali. É menino que não dá problema! Pode ser uma coincidência? Pode. Mas eu te garanto que existe muito disso no esporte (MIGUEL, 2018, p.28-29).

Ainda não há uma perspectiva de relações positivas para os alunos na comunidade através dos esportes, principalmente em bairros periféricos, como é o caso do bairro Pontal Norte.

Em termos salariais, o profissional de educação física que trabalha em academias, principalmente como *personal trainer* é melhor remunerado. Em contrapartida, o professor de Educação Física da rede municipal de ensino, após aprovado em concurso, segundo Miguel, passa por um período de três anos com salário inicial equivalente ao primeiro nível do plano de carreira, o chamado estágio probatório. Após esse período, o profissional é remunerado de acordo com o plano de carreira, titulações e tempo de serviço.

Como *personal trainer*, um profissional de Educação Física consegue um faturamento considerável, dependendo da quantidade de alunos e o valor da hora.

Isso depende de academia, depende da fama que o cara já tem, e tal, mas já chega a cem reais a hora. Eu conheço gente que cobra cem reais a hora. E é assim, se a pessoa vai três vezes na semana, é trezentos reais por semana. É caro (MIGUEL, 2018, p.24)

Nesse caso, a valorização depende também do local de atuação do profissional, sendo o ambiente escolar, através dos relatos os egressos, o mais desvalorizado em questões de condições de trabalho, materiais, espaço físico e a menor importância em relação a outras disciplinas do currículo escolar.

3.1.5 As perspectivas do curso e o mercado de trabalho

Uma das preocupações ainda na graduação e principalmente após concluir o curso é ingressar no mercado de trabalho. Alguns questionamentos, como o do Uelder (2018) eram recorrentes, “será que isso vai me dar um futuro? Será que eu vou ter mercado de trabalho?”, uma vez que as expectativas para o mercado de trabalho eram grandes e a realidade era uma surpresa.

Dentro do curso meu plano era seguir também no futebol, mas depois que eu formei tive o impacto de saber que a realidade do mercado de trabalho não oferecia o que a gente queria. Em um momento até trabalhei fora da minha área, trabalhei como auxiliar administrativo em uma empresa, depois começou a surgir os convites para trabalhar. Surgiu o convite de trabalhar na escolinha do CRAC (Clube Recreativo e Atlético Catalano) e depois eu fui para uma escola particular. Trabalhei na escolinha e vice-versa ao mesmo tempo, então surgiu o convite de trabalhar no profissional como auxiliar de preparação física. Abandonei o colégio particular e fiquei de 2007 a 2011 no CRAC. Em 2010 eu entrei na prefeitura e estou até hoje (UELDER, 2018, p.06)

Na atuação na escolinha de futebol do CRAC e posteriormente no time profissional, houve uma dificuldade em relação à formação da graduação e as exigências que um clube de futebol tinha para o profissional da Educação Física.

No primeiro momento foi um choque porque o curso de educação física por ser um curso licenciatura plena e não bacharelado, nos deixa “no vácuo” na questão mais específica da atividade física, da instrução da atividade física. Mas lá, com o apoio do preparador físico, eu fui desenvolvendo nessa área, entender coisas que eu tinha mais dificuldade em fazer, ele foi me passando e me orientando. Um dos momentos que eu mais senti foi quando fui trabalhar lá (UELDER, 2018, p.08)

O mercado de trabalho na cidade vai além da licenciatura, outros espaços necessitam de profissionais de Educação Física que não possuem em sua formação acadêmica, subsídios necessários para atingir essas demandas. Por outro lado, ao atuar na escola, o Uelder não teve

muita dificuldade, a não ser por certas especificidades, como por exemplo as atividades voltadas aos alunos com necessidades especiais: “A inclusão, por exemplo, tem suas especificidades e chega ao ponto que nós não temos a capacidade, não vou usar capacidade, nós não temos habilidade de lidar naquele momento” (UELDER, 2018, p.07).

A falta de habilidade em determinadas áreas de conhecimento na narrativa do Uelder foi uma falha na formação, devido à troca de professores, como professores substitutos que eram rotativos, e que de certa forma prejudicou o processo de aprendizagem. O curso preparou os alunos para serem professores, mas não totalmente, deixou de aperfeiçoar em outras áreas.

A própria habilitação do curso restringe o egresso a trabalhar em espaços fora da escola, uma vez que para atuar em academias, por exemplo, o profissional tem que obter uma licença no CREF (Conselho Regional da Educação Física).

A Licenciatura restringe só à escola (...) o próprio Conselho (CREF) fiscaliza, multa, e hoje em dia se o profissional que é formado em Educação Física, licenciatura, mesmo sendo registrado no Conselho Regional de Educação Física, se ele for pego atuando em academia, ele é autuado por exercício ilegal da profissão, ele não pode. (KAREN, 2018, p.21).

Nesse caso, para o profissional que não está com o registro de atuação plena deverá cursar o bacharelado ou um curso de especialização para atuar em áreas específicas, o que pode dificultar sua inserção no mercado de trabalho cada vez mais exigente.

Em sua primeira atuação como professor na escola, Miguel teve uma experiência única com os alunos.

Engraçado, eu não gostava de menino (crianças). Eu cá numa creche. Foi a primeira experiência que eu tive, que foi na Escola Francisco Clementino Dantas, no Ipanema. A hora que eu vi, eu falei “Meu Deus, e agora?”. Eu parecia aquele Arnold Schwarzenegger no filme “Um tira no Jardim de Infância” (risos). Mas, engraçado, minha mulher estava grávida, e eu adorei aquilo ali, entendeu? Foi uma experiência muito boa (MIGUEL, 2018, p. 11).

Apesar da boa experiência, Miguel não fez nenhuma relação entre o que aprendeu na universidade com a sua prática no trabalho em sala de aula.

Não era nada daquilo que a gente esperava. Na verdade, eu acho que o que faz um professor, além do dom, porque tem que ter, não adianta ter um diploma, uma formação, eu acredito que a pessoa tem que ter o dom, ele tem que saber se comunicar, coisas que você não aprende, né? Você tem que ter uma noção, e isso é muito da pessoa, mas enfim... A empreitada que eu iniciei na escola não tinha nada a ver com aquilo que eu aprendi na faculdade. Foi como eu disse. A faculdade só me deu um norte. Quando eu

entrei na escola, eu tive que me adaptar. Tive que me adaptar à realidade da escola (MIGUEL, 2018, p.12).

Em sua narrativa, Miguel aponta que o curso de licenciatura apresentou pouca prática em sala de aula e muita teoria e que essa teoria não funcionava totalmente no ambiente escolar e ainda completa: “Eu vi muita teoria, né, e não é aquilo que funciona na escola” (MIGUEL, 2018, p. 14).

Achei que eu tive pouca prática dentro de sala de aula, dentro de escola. Eu acho esse “lance” dos estágios, inclusive, eu acho que a pessoa, antes de passar pela grade curricular, tinha que passar por uma disciplina só de prática, para ver se ela se identifica como um professor ou não. Vamos ensinar a prática aqui sem nenhum, ou pouco, só aquilo que seja necessário, de conhecimento. Só para ver realmente se você é um professor, ou não. Aí, “Beleza, é professor!”? Então vamos para as outras. Eu acho que faltou muito isso. E tanto é que você faz estágio, pelo menos eu fiz estágio no último ano. Dei três aulas acompanhado de um professor, nem sei se chegou a tudo isso, hein? Pronto. Então, eu acho que falta isso. Não sei como está hoje, mas na minha época... faltou muito isso. (MIGUEL, 2018, p. 14).

Na turma que Miguel formou, a maioria atua como professor em instituições escolares, pois na época não tinha outras áreas como academia. As academias eram poucas e não tinham tanto crescimento como atualmente.

Na minha época não tinha muito esse “lance” de academia, sabe? Academia aqui em Catalão, para falar a verdade, só existia uma academia aqui, que era a do José Américo subindo a (avenida) José Marcelino. Essa academia veio para cá com o velho Democh, pai do Elias Democh, e o José Américo comprou essa academia e levou para lá. Só existia uma. Isso em 1996. Academia começou a ‘virar’ (prosperar) aqui depois dos anos 2000 (MIGUEL, 2018, p. 20).

3.1.6 A opção da UFG/RC pelo curso de licenciatura e não bacharelado

A partir das demandas do mercado de trabalho, tanto na área escolar como nas outras diversas áreas da Educação Física, os egressos sinalizam a necessidade da vinda do bacharelado na UFG/RC, pois apenas uma habilitação não garante um emprego e nem a formação em todas as possibilidades das práticas corporais.

Só penso que teria que fazer uma reformulação na dinâmica do curso para não ser só licenciatura, mas bacharelado também, porque assim professor tem dois métodos de trabalho e não só um método específico que é da escola (UELDER, 2018, p.09-10).

A integração do Bacharelado seria essencial, o que diferencia são poucas disciplinas, mas que são essenciais para a formação. Eu tenho academia, e

tenho, por exemplo, alunos aqui do campus que são meus estagiários na academia. Porém, eles têm muita dificuldade em todos os sentidos aqui dentro do campus. Eles têm que sair para buscar um conhecimento na musculação. Eles têm vivências aqui no campus? Na universidade? Não têm! Se eles quiserem ter, tem que buscar outros cursos vinculados a isso. Tem a Fisiologia, tem a Biomecânica, que te dão uma noção, mas não um direcionamento efetivo que o Bacharelado já te daria, que são essas outras janelas. O curso de Educação Física é muito amplo. O curso de licenciatura em Educação Física que o campus oferece, está muito restrito. Porque com a lei que foi aprovada, hoje nem o aluno pode estagiar mais em uma academia, porque o curso não tem vínculo nenhum com o Bacharelado, então ele se restringe somente à escola. Então, o aluno que faz hoje o curso de Educação Física aqui no campus, se ele quiser atuar em academia, independente da área que seja, mesmo que seja natação, ele tem que buscar fazer um Bacharelado depois da conclusão da graduação dele. Hoje, perante a lei, não pode mais atuar dentro da academia sem o Bacharelado (...) Então a gente teria como aproveitar bem mais a área da Educação Física se o curso direcionasse um pouquinho além da Licenciatura (KAREN, 2018, p. 11-12).

O curso de Educação Física da UFG/RC faz parte das ciências humanas e sociais. Este deve ser um dos motivos para não ter a habilitação em bacharel na universidade, uma vez que o curso tem sua identidade na docência e pode ser que ao incluir o bacharelado, perca a identidade de licenciatura que foi conquistada em contraposição a área da saúde proposta pelos militares.

3.1.7 O curso de Educação Física em perspectiva

Os narradores, nessa categoria de análise, trazem suas impressões finais sobre o curso de Educação Física da UFG/RC e o significado que o curso teve em sua história de vida.

Eu analiso de forma que é muito importante ser um professor, porque até mesmo sendo na educação física, estamos formando cidadãos em todos os sentidos, ou seja, a educação física vai formar não só fisicamente, mas também socialmente, intelectualmente. Eu penso dessa forma, eu vejo que a educação física me tornou um professor, um profissional de educação e acho isso muito importante para mim e na minha atuação junto à sociedade. Tenho orgulho de ser professor. (UELDER, 2018, p. 10-11)

Ainda para Uelder, apesar de algumas falhas que o curso teve, como alguns contratos que não contribuíram totalmente para a formação, o curso atendeu os objetivos de auxiliar na formação do professor: “(...) os professores efetivos foram muito guerreiros porque a estrutura que tinha na época era complicada, muito debilitada, então o curso poderia ter rendido muito, mas com as limitações do campus o curso era “apertado” e os professores desenvolviam no seu limite” (UELDER, 2018, p. 09).

Para Karen, uma boa formação seria aperfeiçoar em disciplinas específicas de acordo com a facilidade e afinidade dos alunos, abrindo assim, um leque maior de possibilidades e de escolhas.

Eu acho que teria que ter um direcionamento mais específico, matérias específicas, optativas, tipo assim, a Fernanda, por exemplo, tem mais facilidade na área tal e ela iria optar por disciplina tal, entendeu? Eu acho que seria interessante isso. Na minha época não tinha isso, não tinha escolhas. Eu tinha disciplinas, atletismo, handebol, basquetebol, que nunca pensei em trabalhar, sabe? Mas que acrescentaram. Então foi válido? Foi. Mas se o curso fosse mais amplo, se tivesse mais disciplinas específicas, seria mais válido. Seria mais válido a gente se aprofundar mais em um determinado conteúdo, direcionar mais, focar mais em alguma coisa do que estender muito e ficar vago demais (KAREN, 2018, p.14).

Miguel destaca a importância de certas disciplinas que considera essenciais para o profissional de Educação Física, que deveriam ter maior destaque no curso.

Eu acho a fisiologia uma matéria importantíssima, você entender os mecanismos do corpo, que via energética você usa, esse tipo de conhecimento é fundamental para qualquer profissional na área da Educação Física, assim como a Biomecânica, que aí você consegue perceber cuidados que, se você não tivesse essas matérias, por exemplo, você iria causar dano em alguém. Enfim, o que é imprescindível são as matérias como Fisiologia, Anatomia, Biomecânica (Miguel, 2018, p. 16).

Sobre o período que fez a graduação, Miguel traz boas lembranças e ensinamentos que marcaram profundamente sua passagem pelo curso.

Ah, eu tenho nostalgia, eu tenho saudades. Eu tenho boas lembranças, colegas que eu fiz, as festas. Como pessoa, eu trago a lição da minha reprovação na monografia, meu pai e minha mãe estavam presentes, foi uma coisa que me marcou profundamente. Desde essa época, eu tenho isso comigo. Eu prefiro ajudar a pedir ajuda nesse sentido. Isso é uma coisa que me engrandeceu demais. O que mais me doeu não foi eu ter sido reprovado, foi a minha mãe e o meu pai estarem lá e verem aquilo. Nossa Senhora! Não me esqueço disso de jeito nenhum e vindo aqui hoje, eu me lembrei disso de novo! (MIGUEL, 2018, p. 30).

O curso de graduação para os egressos teve importância significativa e embora algumas disciplinas fossem melhor exploradas que outras, não foi um obstáculo para a busca do aperfeiçoamento em áreas afins e aprimoramento profissional.

3.2 Considerações parciais

Percebemos que há perspectiva dos narradores para a implantação do bacharelado no curso de Educação Física da UFG/RC. Desde sua criação, em 1990, vem priorizando a mesma identidade na docência escolar, negando assim as demandas do mercado de trabalho e a formação completa dos seus alunos.

Os egressos tiveram uma experiência que mudou a perspectiva inicial de quando iniciaram no curso, de que seria aprofundamento nos esportes, preparação para o futebol profissional, para uma trajetória de definição de identidade, de reflexões sobre sua formação durante e após o curso. Ainda nesse sentido, Bolívar (2002b) diz que, “reconhecendo que, na educação, o pessoal e o profissional estão inextricavelmente ligados nas vias dos indivíduos, ele pode fornecer novos modos de pensar a formação inicial e, sobretudo, a formação permanente” (BOLÍVAR, 2002b, p. 112).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Física no Brasil sofreu influências do positivismo e do militarismo, que embora fossem os pioneiros na prática da atividade física, permitiram que os ideais militares transformassem a Educação Física em domesticação dos corpos, higienização e ordem da sociedade. Com a expansão das atividades físicas, inclusive nas escolas, surgiu a necessidade de institucionalizar a formação a nível superior. Assim, a Educação Física se constituiu como curso superior, com sua primeira identidade na docência. A partir disso, com o processo de interiorização das universidades, sobretudo em Goiás e interesses políticos, econômicos e sociais, o curso de Licenciatura em Educação Física foi implantado na UFG/RC, no início dos anos 1990.

Para compreender o curso de Educação Física, fizemos a apresentação dos narradores da pesquisa, que como atores desta organização institucional, são integrantes do curso como um todo, atribuindo significados que através das narrativas demonstram que fizeram parte da construção da identidade do curso, ao mesmo tempo que sua identidade como profissional foi se estabelecendo.

A partir das narrativas, identificamos categorias para a análise que vão desde a escolha do curso no vestibular, os desafios, a identidade profissional, a valorização do profissional, mercado de trabalho e a habilitação licenciatura e bacharelado. Todas as discussões foram essenciais para conhecer como é o curso de Educação Física da UFG/RC na perspectiva dos egressos. Através das narrativas percebemos que o curso é uma organização institucional construída gradativamente e permanentemente com a junção das partes ou atores da história do curso, professores, alunos, a própria instituição, que como um todo, formou sua identidade ao longo dos anos.

O curso de Educação Física na UFG/RC ainda não possui o bacharelado, o que mostra ainda a resistência em ampliar as possibilidades desta área tão vasta. Esperamos que o curso, através desta pesquisa, possa escutar os egressos e estudantes para uma possível reflexão sobre a formação proposta no currículo de forma a tentar abranger as demandas que surgiram com o decorrer o curso e desenvolvimento da sociedade.

O curso de Educação Física se mostrou, através do processo de biografização, que apesar de possuir a habilitação em licenciatura, não deixou de construir junto aos discentes, uma reflexão sobre o que é o profissional da educação física, sendo uma base para que os egressos trilhem seu próprio caminho.

Como pesquisadora, quero destacar as contribuições significativas da pesquisa biográfico-narrativa na educação. Vários aspectos poderiam passar despercebido se não fossem evidenciados nas narrativas e na (re)construção de si num tempo e num espaço, que perpassa o individual e o social, permitindo várias versões de si e do curso de Educação Física.

REFERÊNCIAS

BOLÍVAR, Antonio. *¿De nobis ipsis silemus?": Epistemología de La investigación biográfico-narrativa en educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, Vol. 4, n. 1, 2002a.*

BOLÍVAR, Antonio. **Profissão Professor: o itinerário profissional e a construção da escola**. Bauru, SP: EDUSC, 2002b.

BOLÍVAR. A. Narrar La Organización Educativa: Memoria Institucional Y Constitucion de La Identidad. In: ABRAHÃO. M. H. M. B. BOLIVAR. A. (org.) **La Investigacion (Auto) Biográfica Em Educación: Miradas Cruzadas Entre o Brasil Y Espana**. Granada: EUG; Porto Alegre; EDIPUCRS, 2014.

BOLÍVAR, Antonio. DOMINGO, Jesus. FERNANDEZ, Manuel. **La investigación biográfico-narrativa em educación: enfoque y metodologia**. Muralla, Madri, 2001.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Sobre o conceito de formação na abordagem (auto)biográfica**. Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 157-164, maio/ago. 2011.

DIAS, Cleber. História das ginásticas em Goiás (1866- 1916). **Revista de História Regional**, 2014a. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php.rhr>.

DIAS, Cleber. Momentos iniciais da educação física em Goiás (1917-1929). **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, (São Paulo) 2014b, Jan-Mar; 28(1):95-111.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: A história que não se conta**. 19ªed. Campinas, SP. Papirus, 2013.

CHAGAS. Regiane de Ávila. **Formação inicial e construção da identidade profissional do professor: um estudo do curso de licenciatura em Educação Física da UFG**. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU.- 2 ed. rev. Uberlândia: EDUFU, 2015.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, p.523-536, set.-dez. 2012.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **A Condição Biográfica: Ensaio sobre a narrativa de si na modernidade avançada**. Natal, RN: EDUFRN, 2012.

FERRAROTTI, Franco. **Las historias de vida como método**. Acta Sociológica, n. 56, setembro-dezembro, 2011, p. 95-119.

FERRAROTTI, Franco. **História e histórias de vida: o método biográfico nas Ciências Sociais**. Natal, RN: EDUFRN, 2014.

GATTI, Décio Júnior. **Apontamentos sobre a Pesquisa Histórico-educacional no campo das Instituições Escolares.** Cadernos de História da Educação – v.1. n.º1. jan./dez. 2002.

HONÓRIO FILHO, Wolney. Velhas histórias coladas à pele: a importância das histórias de vida na formação do professor. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p.189-197, maio/ago. 2011.

LUIZ, Angela Rodrigues. **Cursos de graduação em Educação Física no estado de Goiás: interfaces com a saúde.** Anais do VI Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte e X Congresso de Educação Física, UFG Regional Jataí, 2014.
<https://congressos.cbce.org.br/index.php/6concoce/10conef/paper/download/6117/3013>.

MIGUEL, Maria Elisabeth Blank. **A História e as Instituições Escolares: uma relação necessária.** Cadernos de História da Educação – v. 11, n.1 – jan/jun.2012.

NETO, Samuel de Souza et al. A Formação do profissional de Educação Física no Brasil: uma história sob a perspectiva da legislação federal no século XX. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 113-128, jan. 2004.

OLIVEIRA, Lúcia Helena M. M. GATTI, Décio Júnior. **História das Instituições Educativas: um novo olhar historiográfico.** Cadernos de História da Educação – v. 1- n.º1 – jan./dez. 2002.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrar é humano! Autobiografar-se é um processo civilizatório. **In:** Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação. Cultura Acadêmica, São Paulo, 2010.

PASSEGGI, Maria da Conceição. VICENTINI, Paula Perin. SOUZA, Elizeu Clementino de. **Pesquisa (auto)biográfica: narrativas de si e de formação.** 1 ed. Curitiba, PR: CRV, 2013.

PIRES, Roberto Gondin. **História da Educação Física na Bahia: percurso da formação profissional.** 2007. Tese de doutorado (Educação). Universidade Federal da Bahia. Salvador, BA.

SANFELICE, José Luís. **História e Historiografia de instituições Escolares.** UNICAMP. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.35 p. 192-200, set. 2009.

SILVA, Ana Márcia et al. A formação profissional em Educação Física e o processo político social. **Pensar a Prática**, v.12, n. 2, 2009.
<https://www.revistas.ufg.br/fef/rt/printerFriendly/6588/4960>.

SILVA, Maria José de. **A história do Campus Catalão UFG – 1983-2002.** Goiânia: Ed. Da UCC, 2009.

SILVA, Osni Oliveira Noberto da. SOUZA, Cláudio Lucena de. Percurso histórico da formação profissional em Educação Física no Brasil e na Bahia. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 14, n.º141, fevereiro de 2010.
<http://www.efdeportes.com/efd141/formacaoprofessionalemeducacaofisica.htm>.

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação física: raízes européias e Brasil**. 5ªed. rev. Campinas, SP. Autores Associados, 2012.

TARDIF, Maurice. **O trabalho docente: Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 9 ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2014.

TRINDADE, Patrícia Mano. **O curso de Educação Física: a questão da formação acadêmica na visão dos docentes e discentes**. 2007. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.

UFG. Universidade Federal de Goiás Regional Catalão. **Projeto Político-Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física**. 2014.

Conselho nacional de educação, Câmara de educação superior. Resolução nº 7, de 31 de março de 2004. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/ces0704edfisica.pdf>. Acesso em 12/07/2018.

APÊNDICE A - Roteiro para Entrevista



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
 REGIONAL CATALÃO
 UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
 Av. Lamartine P. Avelar, 1.120. Setor Universitário – Catalão (GO) CEP – 75.704 020
 Fone: (64) 3441-5366.
 Ramal 204 – Coordenação. E-mail: ppgeduc.ufg@gmail.com
 Ramal 206 – Secretaria. E-mail: secretariappgeduc@gmail.com

PROJETO DE PESQUISA: *O curso de Educação Física da UFG Regional Catalão na perspectiva do egresso (1990-2005)*

DISCENTE: **Fernanda Gonçalves Silva** (Bolsa FAPEG/GO)

ORIENTADOR: **Prof. Dr. Wolney Honório Filho**

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

Informações pessoais:

- 1- Fale um pouco sobre você, qual sua data de nascimento, qual a sua ocupação atual..
- 2- Conte como foi a sua infância.
- 3- Seus pais o apoiavam nos estudos? Fala um pouco sobre isso e sobre quem mais te influenciou e inspirou a estudar.

Sobre a escolarização:

- 1- Conte sobre seu processo de escolarização, onde estudou desde a educação infantil até o ensino fundamental.
- 2- Quais as lembranças da escola e dos professores que mais te marcaram na infância. Você tem alguma foto ou registro dessa época?
- 3- Qual era sua relação com os professores e colegas da escola?

Sobre o ensino médio:

- 1- Onde cursou o ensino médio?
- 2- O que despertou seu interesse em prestar vestibular:

- 3- O que despertou sua vontade em prestar vestibular para Educação Física?
- 4- Qual a sua visão sobre o curso quando estava no ensino médio? Você tinha alguma perspectiva sobre o curso de graduação em Educação Física:

Sobre o curso de Educação Física:

- 1- Conte como foi ingressar n curso de Educação Física na UFG Regional Catalão.
- 2- Como eram os professores, as aulas, os colegas.
- 3- Você participou de algum projeto de pesquisa, e eventos? Se sim, conte como foi.
- 4- Como era o curso de Educação Física: desafios, dificuldades, momentos marcantes.
- 5- Como era ser um aluno do curso de Educação Física?
- 6- Fale sobre sua formação na graduação.
- 7- Quais os pontos positivos e negativos que você considera no curso?
- 8- Você se sente realizado com a sua graduação?

Após o curso...

- 1- Fez algum curso de especialização, ou até mesmo outra graduação?
- 2- Você atua na sua área de formação?
- 3- Fala sobre sua atuação profissional e se o curso preparou para o ingresso no mercado de trabalho.
- 4- Quais as principais dificuldades e/ou desafios na sua área de atuação?

APÊNDICE B – Escrita (auto)biográfica dos colaboradores da pesquisa.

Entrevistada 1: Maria da Consolação

Nasci em Catalão-Go, no dia 11 de Maio de 1971 e me chamo Maria Consolação Pinto Pereira, também conhecida como “Sação”, apelido dado por um vizinho. Sou uma dos 5 (cinco) filhos da dona Hosana e do Seu Cesário, ambos de família de origem humilde e falecidos; meu pai era lavrador e minha mãe professora da Rede Estadual de Educação de Goiás. Ela foi a responsável pela nossa educação e se preocupou em nos passar valores como honestidade, trabalho e Amor a Deus e ao que fazíamos.

Durante a infância, acompanhava minha irmã mais velha nos jogos amistosos que o grupo de jovens da Paróquia São Francisco de Assis(MUG), realizava com outras organizações de jovens pela cidade. Assim, comecei a me engajar no Esporte, observando e participando às vezes de jogos de Handebol, Voleibol, Tênis de Mesa e Futsal, além de começar também a praticá-los na escola. Passei toda a vida escolar em Instituições Públicas (Escola Estadual “Dr. David Persicano” e Colégio Estadual Polivalente) e com o passar dos anos, fui me destacando nas aulas de Educação Física, ajudando minha escola a conquistar bons resultados nos Jogos Escolares, principalmente, nas modalidades de Atletismo e Handebol. Nessa época, ainda não trabalhava, então conseguia participar dos treinamentos oferecidos pelo Colégio; posteriormente, fui convidada para integrar a equipe do Juventude Esporte Clube, do abnegado Jarbas França, o qual ministrava treinos de Handebol gratuitamente no Ginásio de Esportes “Teófilo Silva”, no Bairro São João, aos Sábados.

Em 1991, ingressei na Universidade Federal de Goiás – Campus Avançado de Catalão, como estudante do Curso de Educação Física. Já no primeiro ano, iniciei um “projeto” de iniciação esportiva com o intuito de formar uma equipe de Handebol fora do ambiente escolar. Essa ação isolada contava com cerca de 14 (catorze) crianças entre 10 e 12 anos; estes meninos e meninas moravam perto de casa e os treinos mistos, aconteciam 02 (duas) vezes por semana, na quadra aberta do Centro Comunitário “São Francisco de Assis”, no Bairro Nossa Senhora de Fátima. Ali começou a história do C.I.T.E. (Centro de Iniciação e Treinamento Esportivo) que em 2007, tornou-se ASCITE (Associação Catalana de Iniciação e Treinamento Esportivo), sendo regularizada legalmente como instituição sem fins lucrativos.

A experiência como “técnica” paralela ao curso de Educação Física, ajudou muito na minha formação como professora e apesar daqueles encontros terem momentos de socialização e aprendizagem recíproca, talvez na época não tivesse me atentado para a grande responsabilidade que eu me delegava. Pouco a pouco comecei a ter um novo olhar sobre o

Esporte e o quanto ele fascinava, entretinha, despertava valores humanos como respeito, autoconfiança, autocontrole, trabalho em equipe, superação, garra, alegria e amor, muito amor.

Conclui o curso de Licenciatura em Educação Física no ano de 1994 e durante este período, fui atleta amadora de Volei, Handebol, Futsal, além de fazer diversos cursos relacionados a área da Educação Física; também trabalhei na Liga Municipal de Futebol de Salão como anotadora/cronometrista e substitui professores em escolas municipais e estaduais, sendo que esses “bicos” ajudaram nos gastos com livros, xerox, etc.

Em 1995, conclui a especialização em “Didática – Fundamentos Teóricos da Prática Pedagógica” e comecei a trabalhar como Professora de Educação Física na rede particular de Catalão, no Ensino Fundamental e Médio. No ano de 1998, fui aprovada no Concurso Público da Prefeitura Municipal de Itumbiara-Go e trabalhei nessa cidade até 1999, quando voltei para a rede particular de ensino em Catalão. No primeiro semestre de 2001, mudei-me para a cidade de Unaí-MG, ministrando aulas de Educação Física na rede estadual daquele estado. Logo, fui aprovada no Concurso Público do Estado de Minas Gerais, transferindo-me para a cidade de Vazante e posteriormente para Araguari. Por problemas de saúde, pedi exoneração e voltei a Catalão, afastando-me da área da Educação; nessa época, abri uma lanchonete e em 2005 fui morar na Itália, retornando no final de 2006.

Novamente reabri o comércio de Bar e Lanchonete, além de retornar com as atividades na Associação e após um período afastada da área da Educação, em 2011 passei no processo seletivo de uma escola da rede privada de Catalão, para trabalhar com a Educação Física no Ensino Médio, além de ser aprovada no mesmo ano no Concurso Público da Prefeitura Municipal de Catalão. Atualmente trabalho como Professora de Educação Física no Ensino Fundamental da rede municipal e paralelamente continuo desenvolvendo o trabalho voluntário como técnica e Presidente na ASCITE, cuja entidade atende crianças, adolescentes e adultos a partir dos 7 anos de idade.

Entrevistado 2: Uelder

Meu nome é Uelder Tavares da Silva, nasci na cidade de Guarda-Mor, MG, e desde minha fase do pré-escolar na Escola Estadual Dr. Sergio Ulhoa, em 1990, já me identificava muito com o esporte, principalmente o futebol, uma vez que o mesmo era praticado no horário do recreio, onde a própria turma se organizava para brincar no campinho que a escola possuía. As regras eram criadas sempre com o intuito de não haver brigas, mas sempre aconteciam algumas.

Com o passar dos anos, especificamente a partir de 1992, já tínhamos as aulas de Educação Física, na 2ª série do Ensino Fundamental, porém essas aulas eram ministradas pela própria professora da turma, pois não tínhamos professora de Educação Física. A partir de então, nos foi possibilitado a formação de dois grupos na 2ª série em todas as aulas, e quando havia mais de duas equipes masculinas, iam ocorrendo substituições dos alunos/jogadores durante o jogo.

Durante as aulas de Educação Física, íamos para o campinho onde jogávamos as duas turmas e as meninas da turma ficavam rebatendo com uma bola de voleibol, mas às vezes iam para o campinho torcer por uma das equipes. Tínhamos essas aulas como um momento de interação entre a turma, pois era o momento onde todos interagiam brincando uns com os outros, principalmente entre os meninos, embora quando as meninas iam para o campo torcerem, ocorria também uma interatividade entre as meninas e os meninos, sendo que os meninos que aguardavam o seu momento de entrar no futebol, na maioria das vezes, ficavam jogando voleibol com as meninas, isso foi sucedendo-se até o ano de 1994.

No ano de 1995, ingresso na 5ª série do Ensino Fundamental na Escola Estadual Dr. Antônio Ribeiro, continuamos quase a mesma turma, pois alguns alunos mudaram de cidade e outros foram reprovados. A partir de então, começou uma nova dinâmica nas nossas vidas, pois se exigia uma obrigação em sermos mais organizados, pois a 5ª série já nos cobrava isso. Com a organização das aulas tínhamos a Educação Física, onde passamos a identificar as diversas modalidades esportivas que ainda não tínhamos vivenciado tais como vôlei, handebol, peteca entre outras, e não mais tínhamos só o futebol nas aulas.

A partir do momento que ingressei na escolinha de Futebol Borat (em 1995) passei também a ter um incentivo maior nas aulas de Educação Física do colégio, comecei a participar dos interclasses, e até comecei a ajudar a professora a organizar campeonatos buscando sempre dentro do colégio uma interação dos alunos através das praticas esportivas.

No ano de 1999 iniciei o Ensino Médio em Guarda-Mor-MG e em 2000 me mudei para Catalão-GO me matriculando no 2º ano do Ensino Médio, no Colegial do Colégio Estadual João Netto de Campos, com intuito de trabalhar, jogar futebol e estudar, mas apenas estudei, pois não conhecia praticamente ninguém na área esportiva da cidade, e como não tinha amigos ficava sempre em casa. Fiz o 2º e 3º colegial e em seguida fui aprovado no vestibular para o Curso de Educação Física da UFG- Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, em 2002.

Ingressei um pouco descontextualizado na Universidade, mas logo fui me adaptando, e a partir do 2º ano de faculdade já me encontrava adaptado à Universidade e ao Curso em

questão. O curso teve a duração de quatro anos iniciando em janeiro de 2002 e finalizando-se em 2005, tempo esse onde me foi possibilitado aprofundar meus conhecimentos a cerca da Educação Física, suas atuações, limitações, contribuições e a importância da mesma na vida de todos nós seres humanos.

A universidade teve uma atuação significativa na minha vida, moldando muitos hábitos e pensamentos a cerca do que era ser um professor de Educação Física.

No ano de 2005, finalizei o curso de Educação Física pela Universidade Federal-Regional Catalão, cidade que resido atualmente, durante esse tempo sempre mantive dedicado à área dos esportes, trabalhando ou mesmo como expectador.

Em 2006 fui convidado a atuar em uma escolinha de futebol onde vivenciei um trabalho com a iniciação esportiva, trabalho este que me propiciou grandes experiências e conhecimentos do processo prático da iniciação, nos aspectos técnicos, físicos psicológicos entre outros acerca dos alunos frequentadores das aulas. Outro fator de importância que a escolinha propiciou foi interação com outras escolinhas da cidade e região, onde observei meio que empiricamente a forma de trabalho que os mesmos aplicavam junto aos seus alunos, contribuindo para troca de experiências.

Já em 2007 tive a oportunidade de atuar como professor nas aulas de Educação Física de um Colégio da Rede particular de ensino, onde busquei aprimorar os conhecimentos vivenciando a prática concreta da realidade da Educação Física Escolar e suas peculiaridades, momentos estes que deram para verificar as diferenças entre uma aula de Educação Física e uma Escolinha de Iniciação Esportiva, onde se diverge muito a forma de método de ensino.

No mesmo ano obtive o convite do professor Sander Ramos que até então era o preparador físico do CRAC – Clube Recreativo e Atlético Catalano para atuar como seu auxiliar nos jogos, quando o clube iria atuar fora de casa, eu aplicava o trabalho físico aos jogadores não relacionado à partida, trabalho este que contribuiu muito para minha vida profissional me despertando interesse pela preparação física nos esportes, onde para se atuar exige-se muita dedicação e profissionalismo, pois futebol se vive de resultado e o mesmo necessita de ótimas capacidades físicas para acontecer.

Durante o decorrer desses anos fui me interessando muito na área do treinamento desportivo em específico a preparação física do futebol, foi quando no ano de 2008 surgiu a oportunidade de cursar a Pós - Graduação em Fisiologia do Exercício pela Faculdade Montes Belos, curso este que durante seu processo veio me propiciar de grandes conhecimentos da área da educação física que até então era desconhecido por minha pessoa, no começo do curso

foi meio complicado a se adaptar ao novo método de ensino que até então é um pouco mais rápido que a graduação.

Mas logo veio a adaptação e um novo elo de conhecimento junto às disciplinas aplicadas, levando-me a novos horizontes da fisiologia do exercício e seus similares na área da educação física como a preparação física no futebol, diante do fato sempre estive fazendo uma ligação entre meus conhecimentos do curso com o trabalho realizado no CRAC e na escolinha de futebol onde eu atuava, sempre mantendo uma relação com as demais escolinhas da cidade.

No ano de 2010 surgiu à oportunidade de atuar na Rede Municipal de Ensino, como professor de Educação Física, ingressei na forma de contrato até o ano de 2011, onde realizei um concurso público, tendo êxito no mesmo.

Atualmente (2018) estou lecionando na Educação Física Escolar na Escola Municipal Nilda Margon Vaz e auxiliando a coordenação no C.M.E.I Professor Aníbal Rosa do Nascimento ambos da Rede municipal de Educação de Catalão. A atuação na Educação Física Escolar me propicia a experimentar as situações positivas e negativas que a mesma pode proporcionar junto aos alunos e a sociedade, sendo um meio que possibilita uma formação não só física do cidadão, mas também social e cognitiva.

Paralelo às aulas de educação física, também sou Professor Supervisor do PIBID Interdisciplinar UFG Regional/ Catalão 2014/2018 e membro do Conselho Municipal de Educação 2017/2019, representando os professores.

Entrevistada 3: Karen

Sempre fui uma pessoa ativa desde a infância. Por ironia o destino nasci com uma doença genética que se manifestou a adolescência e que me limitou muito ao que eu mais gostava de fazer (atividade física), pois tinha infecções e muita dor... Na época com diagnóstico médico errado piorou ainda mais meu quadro clínico e suspendeu de vez minhas atividades (nem educação física escolar eu podia fazer).

Depois de quatro anos sofrendo muito, de médico em médico, enfim o diagnóstico correto. Ao tirar as talas que eu usava para imobilização, o médico disse que eu precisava de fortalecimento muscular e que como minha musculatura estava atrofiada, a primeira seria “natação” e assim começou a despertar mais ainda minha vontade em fazer atividade física e mostrar que eu iria superar... Isso aconteceu no último ano do segundo grau e assim minha decisão pelo vestibular não poderia ser outra: “Educação Física”, que a partir de então, “senti na pele” o quanto a prática de atividade física transforma a vida de uma pessoa. Com isso, vi

que estava no caminho certo e que sempre buscaria almejar a saúde e bem estar de maus alunos...

Durante a graduação não foi fácil, a infraestrutura do Campus era muito precária e assim ficávamos limitados.

Sempre busquei junto aos professores e cursos extras, aprimorar meus conhecimentos, pois o curso de licenciatura plena não me satisfazia onde eu queria chegar (Aqua Fitness).

Hoje me sinto realizada enquanto profissional, pois cheguei além do que pretendia com muita luta e dedicação!

APÊNDICE C – Disciplinas 1990 à 2004 Curso Educação Física UFG.

* Disciplinas 1990 à 2004 Curso Educação Física UFG/ Regional Catalão

1º ano

Dança-Educação
Desporto Individual I (Natação)
Ginástica I
Anatomia Aplicada à Ed. Física
Antropologia Social
Educação Brasileira

2º ano

Desporto Coletivo I (Voleibol e Basquete)
Ginástica II
Fisiologia Humana e Cinesiologia
Nutrição e Metabolismo
Biologia Aplicada à Educação

3º ano

Biomecânica
Desporto Coletivo II (Futebol e Handebol)
Desporto Individual II (Atletismo)
Motricidade Infantil
Estrutura e Funcionamento Ensino 1º e 2º graus
Psicologia da Educação

4º ano

Administração da Ed. Física e do Desporto
Didática e Prática de Ensino em Ed. Física
Aprofundamento I - Escola
Aprofundamento II - Saúde
Aprofundamento III - Desporto
Aprofundamento IV – Lazer